

Três por Quatro

Jornal Laboratório do semestre 99/2



Desenho animado gaúcho
continua
sendo sonho
difícil de filmar

página 15



Por que é tao difícil unir as esquerdas?

página 3

Economia

Século XXI exige novo profissional

página 6

Internacional

Europa teme avanço ultranacionalista

página 13



Três por Quatro entrevista ET no Menino Deus

página central

Sempre diferente

Nosso jornal laboratório chega à segunda edição do semestre. Como sempre, alguns troços acontecem durante o percurso, mas faz parte da nossa formação. Após muita discussão, ficou decidido que, desta vez, o 3X4 seria um jornal dividido em editoriais. A opção foi feita para que possamos ter também a experiência de trabalhar com esse modelo, em contraponto ao jornal temático, feito anteriormente.

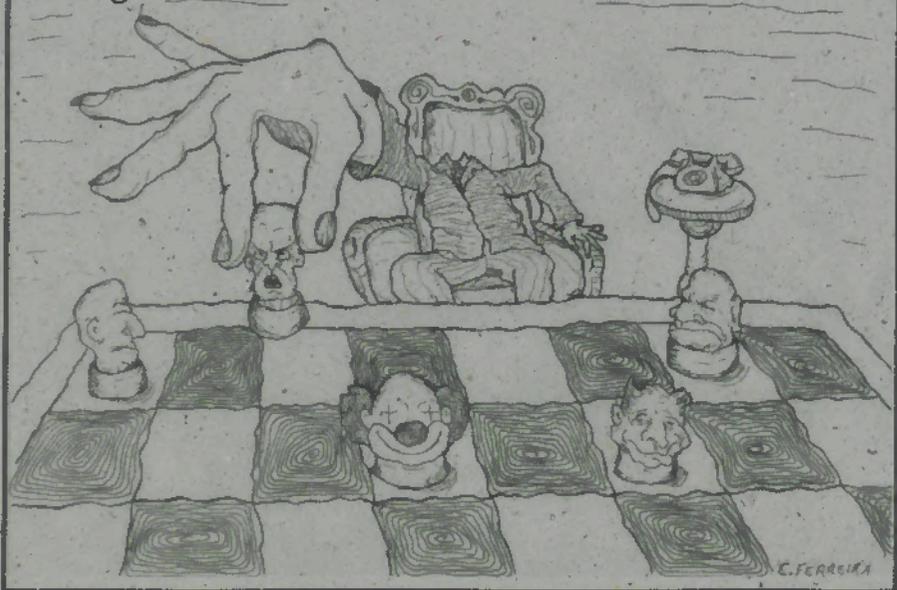
As editoriais foram escolhidas de acordo com o que é mais utilizado nos jornais diários: política, economia, geral, polícia, esporte, cultura. Assim, as pautas sugeridas foram sendo distribuídas pelas editoriais, procurando equilibrar o jornal com diferentes assuntos. O espaço para cada uma foi determinado pela quantidade de matérias que receberam, e tentando ainda adequar ao que normalmente é feito nos jornais.

A crítica pode surgir, pois muitos pensam que o 3X4 existe para experimentação, não para fazer o que todo mundo faz. Pode ser, mas ele é decidido inteiramente pelos alunos que a cada semestre cursam a disciplina de Redação IV. A decisão foi da turma. Partimos para este desafio com a certeza de que podemos enfrentar qualquer tipo de situação daqui para a frente, pois a reta final do curso está aí e o mercado de trabalho nos espera. Precisamos estar preparados, passando por este tipo de experiência. Por isso é importante variar, por isso fazemos o 3X4 cada vez diferente. É o espaço que temos para treinar, para exercitarmos nossa capacidade e, por que não dizer, criatividade também. Ele representa as idéias que cada um foi desenvolvendo ao longo do curso.

É claro que é difícil concatenar todas as sugestões em um mesmo veículo. Nem sempre sai como se quer, mas faz parte da nossa trajetória. De qualquer forma, o trabalho foi feito: Agora cabe a cada um a autocrítica, saber se deu o melhor de si para a conclusão de sua tarefa. E a crítica de quem lê certamente será bem vinda para a futura correção de nossas falhas, afinal, ainda somos estudantes, mas por pouco tempo, é verdade. Esse é o momento de nos colocarmos à prova, porque é a última oportunidade acadêmica que temos.

Apresiasi, analisem, elogiem, critiquem. Também é função do 3X4 movimentar os estudantes em torno dele. Quanto mais discutido for, maior é a possibilidade de torná-lo melhor e instigante. As turmas que virão, fica o desejo de que sejam felizes com a experiência, que façam o que realmente quiserem desse jornal, pois ele está aí para isso. E estejam preparados para grandes discussões.

charge Eduardo Ferreira



EXPEDIENTE - 3X4

O Três x Quatro é o jornal laboratório produzido na disciplina Redação IV do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Participaram desta edição: Alessandra Rodrigues Gonzaga, Carolina Cimenti, Eduardo Andrejew Ferreira, Fernanda Reche, Francisco Amorim, Janis Linda Loureiro Moraes, Leandro Belloc, Leandro José Brixius, Leila Inês Signor, Letícia Howes, Márcio Vieira Pessôa, Marlene Massinger, Marta Corrêa Machado, Patrícia Domingues D'Ávila, Rodrigo Lopes, Ronaldo Martins Botelho, Sirlei Ribeiro Pastore, Syvendia Aguiar Chaves, Tomás Enrique Creus.

Editores: Carolina Cimenti, Leandro Brixius, Letícia Howes, Patrícia Domingues D'Ávila. Editora de Fotografia: Marlene Massinger. Coordenação Editorial: Prof. Virginia Fonseca. Coordenação Gráfica: Prof. Rubens Volpe Weyne. Impressão: Gráfica da UFRGS

Feridas em português

Rodrigo Lopes

A parte leste da ilha indonésia do Timor tem apenas 860 mil habitantes (aproximadamente a metade da população de Porto Alegre). Mais de 200 mil já morreram nas batalhas e chacinas causadas por um único motivo: liberdade. Desde que Portugal abandonou a província do Timor Leste a Deus dará, em 1975, a ilha virou palco de conflitos desumanos, deportações, estupros e tortura. Assim como Angola, Ruanda, Kosovo e Colômbia, o Timor Leste é terra de refugiados, miseráveis espancados, de opiniões caladas a golpes de machetes.

Vinte e quatro anos depois da invasão do exército indonésio, país que assumiu o governo da ilha em 1976, os habitantes do Timor Leste optaram por ser a oitava nação de língua portuguesa do mundo num plebiscito realizado no dia 30 de agosto deste ano. A possibilidade foi aberta pelo ex-presidente indonésio, Jusuf Habibie. Na época do regime do ditador Suharto (1968-1998) não havia essa perspectiva. Apenas a cumplicidade com o terror que espalhava incêndios por aldeias e chacinas em residências de líderes pró-independência como os prêmios Nobel José Ramos Horta e dom Carlos Ximenes Belo, bispo da capital timorense, Dili. A cada manifestação pela liberdade, uma família, um grupo de crianças ou de jovens ativistas era morto. A machetagem.

O nascimento da nação Timor Lorosae (é assim que os timorenses chamam a província independente) se dará a partir de profundas feridas que o tempo não promete fechar. Economicamente, o país livre precisará encontrar aliados no Ocidente - grandes nações nunca se manifestaram formalmente contra a situação subumana na província para não comprometer as lucrativas relações com a Indonésia e com o seu rico subsolo. Se algum dia, apesar da presença das Nações Unidas, que deve se prolongar por anos, as milícias deixarem de se enfrentar, a ex-colônia portuguesa poderá investir,

quem sabe, no turismo. Café e sândalo também oferecem seus braços frágeis como sustentáculo da economia. No entanto, para muitos habitantes, o simples direito de arar a terra antes manchada de sangue, longe do medo e da intimidação, já é um progresso suficiente.

O Timor Leste sofreu este ano os piores dias da tragédia de uma guerra civil selvagem imediatamente após a divulgação do resultado do plebiscito do dia 31 de agosto, no qual os timorenses optaram pela independência. Foi mais um triste episódio de violência deste agitado século 20 que, em seus derradeiros dias, assiste a um novo país nascer banhado em sangue. Como nos conhecidos genocídios, também na ex-colônia portuguesa, a ONU se mostrou até certo ponto impotente, incapaz de uma ação emergencial para garantir a vontade expressa na votação que ela mesma organizou, fiscalizou, mas não teve competência para garantir a instalação de seu resultado. Apenas mais uma evidência de uma instituição incapaz de responder às exigências mundiais.

Em alguns casos, como em Kosovo ou no Timor Leste, sua ação foi tardia. Em outros, como em Angola, é inexistente, permitindo que esse conflito de dimensões catastróficas martirizasse um povo e um continente. Em algumas situações, a ONU mobiliza recursos humanos e financeiros, mas em outras se mostra com uma imobilidade quase criminosa.

As imagens de selvageria registradas este ano não podem ser eliminadas da memória da sociedade civilizada, mas deve, no momento, serem substituídas por gestos de harmonia e de garantia aos direitos fundamentais do homem.

Povos que como o Brasil falam português, culturalmente interessados no desfecho desse episódio no Timor Leste, esperam que o pequeno lado leste da ilha indonésia acabe se transformando num exemplo positivo de promoção da vida e da liberdade e ponha fim ao cinismo da mal denominada comunidade internacional.

A difícil união das esquerdas

Por que os partidos têm dificuldades de coligação?

Svendla Chaves

Uma coligação entre partidos de esquerda, em 1998, apesar de não eleger o presidente da república, levou Olívio Dutra ao Governo do Estado. No entanto, esta coligação já tem suas bases estremecidas no final do primeiro ano de mandato, não só no Rio Grande do Sul, como em outros estados do país, Rio de Janeiro, por exemplo. Esse abalo põe novamente em questão: por que a esquerda tem dificuldade de se unir?

Há alguns anos, dizia-se que só havia união da esquerda atrás das grades. Em um dos raros momentos de concordância, o movimento das Diretas Já conseguiu congregiar todas as camadas da oposição brasileira na época, sendo um dos movimentos populares mais expressivos na história do País. Mas em 1982, nas primeiras eleições diretas para governador, quando era esperado que, após tantos anos de

ditadura, o eleito fosse de esquerda, os partidos de oposição ram no Estado. De um o PDT de Leonel Brizola, tendo em sua origem o antigo PTB; de outro, Pedro Simon, do PMDB, representando a ampla esquerda que havia conquistado o processo de abertura política. Como ainda não existia o segundo turno, foi então eleito Jair Soares, candidato do PDS, partido que apoiava o regime militar beneficiado com a divisão dos votos entre PDT e

Mas a história é bem diferente. Já na primeira metade do século, as esquerdas manifestavam dificuldade em harmonizar seus discursos. O PTB

de esquerda mais moderada, mais reformadora, menos radical. E que permite, sem grandes problemas, a possibilidade de coligações.

A professora Mercedes Cánepa, também do Departamento de Ciência Política da UFRGS, caracteriza essa nova representação como de centro-esquerda, responsável por sanar os prejuízos sociais provocados pelo liberalismo, sem o compromisso de mudar a ordem

política mundial, que é

irreversível a curto prazo. Essa representação seria mais consensual por não ter a missão de realizar mudança, tarefa que normalmente cabe à esquerda: "A direita tem o que defender, tem bens para conservar, não quer que mude. É muito mais fácil a existência de consenso quando se quer conservar, do que quando se tem alternativas de mudanças do conjunto da sociedade(...) Normalmente a esquerda tem a perspectiva de alterar a estrutura global de uma sociedade. Então, dentro da possibilidade de mudança, há uma série de níveis onde as pessoas podem divergir".

No artigo "Alianças em novo estilo", publicado em 1997 pelo Jornal da Tarde, Marco Aurélio Nogueira destaca que, no Brasil, fazer alianças é inevitável, uma condição natural da política. Situação derivada, para o autor, das diferenças sociais, da despolitização geral, dos ciclos autoritários e da pulverização das representações. Sem alianças, pode-se até avançar, mas não garantir uma real alternativa de poder ou acumulação de experiência de governo. Além disso, Marco Aurélio diz que os problemas brasileiros jamais poderão ser resolvidos a partir de posições solitárias auto-definidas como salvadoras.

Mas a esquerda brasileira não parece aceitar muito bem esta situação. O professor Corsetti salienta que a esquerda precisará avaliar suas posições e priorizar alguns pontos, já que não basta competir, é preciso alcançar o poder. E garante, pesaroso: "Infelizmente, a luta eleitoral não se faz só com princípios."



C. FERRAZ

de Getúlio Vargas disputava espaço nos sindicatos com o PCB de Luiz Carlos Prestes. Embora os dois partidos apresentassem origens diferentes, a forma como ambos se inseriam na sociedade demarcava seus lugares nas facções de esquerda.

Por outro lado, nunca interessou aos partidos de direita permitir a união de seus oponentes. O esfacelamento da oposição é uma medida bastante útil à manutenção do poder. Explorando as contradições internas e dividindo a esquerda, a direita consegue governar com mais facilidade. Eduardo Corsetti, professor de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atribui a dificuldade de união das esquerdas à distância do poder: "No Brasil, a direita sempre soube o que fez, tanto é que se manteve no poder quase que permanentemente. (...) A esquerda tem menos espaço, porque ela também tem menos poder, e conseqüente menor capacidade de produzir consenso."

Mudanças e princípios

A necessidade de reação aos processos ditatoriais foi o primeiro agregador das "frentes democráticas". A idéia histórica de unidade não se limitava à esquerda, abrangendo socialistas, nacionalistas e democratas liberais, para que todos pudessem articular um trabalho conjunto para o desenvolvimento, justiça social, soberania nacional e democracia no País. Agora, no entanto, não é mais possível reunir a esquerda com os liberais. No momento atual, é o fracasso da política destes últimos que impulsiona a tendência mundial de "esquerdização": uma

A disputa em Porto Alegre

Em recente manifestação à imprensa, o presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, declarou que as disputas pelas prefeituras entre os partidos de esquerda nas eleições do próximo ano poderão abalar o projeto da oposição para alcançar a presidência em 2002. Em Porto Alegre, essa disputa não se dá apenas entre os partidos, como também dentro deles.

À frente da prefeitura da capital há 11 anos, o Partido dos Trabalhadores será o alvo, pela primeira vez, das acusações que normalmente são feitas ao partido que está no Governo do Estado quando das eleições municipais. Acusações que serão apoiadas por uma parcela da população insatisfeita com os primeiros tempos do governo Olívio. Prevenindo-se, o partido enfrenta a possibilidade de fugir à tradição de indicar o vice-prefeito como próximo candidato, analisando a candidatura aparentemente mais garantida de Tarso Genro. Da mesma forma, pela primeira vez o pleito municipal conta com a variante da reeleição, colocando Raul Pont na disputa.

Em outra bancada, o PDT também se esfacela. Se até há poucos anos, o partido não tinha nenhuma atitude claramente ofensiva ao PT, depois da luta travada pelo partido de Olívio

Dutra contra o governo de Alceu Collares, uma facção do PDT demonstrou-se ressentida e, apesar de não impedir a aliança dos dois partidos em 1998, agora manifesta-se contrária à manutenção da unidade. Setores do PDT acusam o Partido dos Trabalhadores de não se preocupar com política e apenas com a expansão do partido, ao criticar continuamente os adversários. No entanto, essa também pode ser a tática de (re) crescimento que está sendo adotada pelo próprio PDT em Porto Alegre, como forma de se recuperar do "abocanhamento" processado pelo PT.

Porto Alegre tem uma grande tradição de esquerda, anterior mesmo à ditadura militar. No entanto, o racha entre os partidos, mais de uma vez, gerou benefícios para a direita. Sobre esta questão, a professora Mercedes Cánepa tem uma opinião bem clara: apesar da divisão das esquerdas no primeiro turno, ela acredita que este será apenas um teste. O candidato que passar, será certamente apoiado pelos outros partidos do segmento. Já no interior do estado, que possui um caráter mais conservador do que a capital, as discussões internas e externas de PT e PDT poderão abrir margem de votos para os partidos de direita. (S.C.)

mercado

Trabalho informal: solução ou problema?

De um lado, uma saída viável para o desemprego; de outro, um caminho para o enfraquecimento da economia brasileira

Leticia Howes

Uma das conseqüências do alto índice de desemprego apresentado nas capitais brasileiras é o aumento substancial da chamada economia informal. O trabalho autônomo, ou "por conta própria", tem sido a saída encontrada por muitas pessoas, inclusive da classe média, para aumentar a renda familiar neste período de crise no mercado de trabalho convencional. As atividades autônomas caracterizam-se, principalmente, pela ausência de um contrato de trabalho, já que o trabalhador é o "proprietário" do negócio.

O aumento do mercado informal na capital gaúcha foi bastante representativo nos últimos cinco anos: enquanto em outubro de 1994 havia 218 mil trabalhadores autônomos na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), em outubro de 1999 esse número já chega a 268 mil, o que significa um crescimento de quase 23% de um período para outro.

Os autônomos representam hoje mais de 18% do total de trabalhadores ocupados da População Economicamente Ativa (PEA) na RMPA. Este número engloba desde os autônomos com rendimentos menores (em torno de R\$ 150 mensais) até os com rendimentos maiores (em torno de R\$ 1.400 mensais). Isto significa que o mercado de trabalho informal não envolve apenas a classe baixa: várias famílias de classe média têm hoje na atividade alternativa sua principal fonte de renda. Apesar de o comércio ambulante ser uma atividade extremamente representativa dentro da economia informal, os campeões são os serviços – que envolvem mais de 50% do número de trabalhadores autônomos.*

O outro lado da moeda

Se, por um lado, este novo modelo de economia informal representa uma saída viável para o desemprego, por outro lado ele é, no mínimo, preocupante. Economistas que estudam as movimentações do mercado de trabalho não vêem com bons olhos esse "inchaço" da economia informal, como explica Lúcia dos Santos Garcia, coordenado-



Marlene Massinger/JC

Comércio ambulante é principal opção para trabalho informal

ra do núcleo de Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) da Fundação de Economia e Estatística (FEE). Para Lúcia, esse tipo de trabalho tem em si muitas deficiências e pôde trazer conseqüências sociais e econômicas para o futuro do País.

Um dos principais pontos de preocupação entre os economistas é o fato de que esses trabalhadores, na sua maioria, não contribuem para a Previdência Social. "Está fora de perspectiva que eles terão uma vida inativa razoável. O número de trabalhadores que hoje não contribuem para a Previdência é muito grande e isso irá gerar, no futuro, um sério problema previdenciário", diz Lúcia Garcia. Sem falar na questão dos impostos – no mercado informal, não existe pagamento de tributos sobre serviços ou comércio de mercadorias –, o que acaba diminuindo substancialmente a arrecadação dos estados e municípios.

Além disso, conforme explica Lúcia Garcia, o trabalho autônomo é instável, inseguro e limitado. O "conta própria" não está submetido às regras do mercado de trabalho como o assalariado, mas tem uma relação direta com o nível de atividade econômica, porque se depara diretamente com o mercado de bens e serviços. Essas atividades tem por derivação determinado o seu volume de emprego. Ou seja, se cai o nível de atividade econômica de uma forma geral, quem perde primeiro o emprego é, via de regra, o autônomo. "Se cai a demanda pelo produto ou serviço que

ele vende, ele logicamente irá cair numa situação de sub-ocupação ou de desocupação", explica Lúcia Garcia.

A economista observa também que esse tipo de trabalho é cansativo, de má qualidade e sem garantia nenhuma. Cansativo porque a jornada de trabalho é muito maior do que na maioria dos empregos assalariados. De má qualidade porque paga menos – o rendimento por hora é, portanto, menor. E não tem garantia nenhuma porque está submetido a relações de trabalho que são, muitas vezes, relações de desproteção: não existe seguro-desemprego, nem para o proprietário do negócio, nem para os seus empregados. Isto porque, na grande maioria das vezes, não existem vínculos empregatícios e a carteira de trabalho não é assinada.

Quando se examina a questão do ponto de vista agregado, ou seja, da forma como essas atividades podem influir negativamente na economia em geral, existem outras discussões além do futuro problema previdenciário ou da desproteção dos trabalhadores. Lúcia Garcia explica que esse tipo de atividade gera uma certa dualidade em relação ao mercado formalizado, que tem por conseqüência uma concorrência ilegítima com o mesmo – onde os trabalhadores têm suas garantias e direitos sociais. Isto significa uma constante tensão entre os dois.

Outro aspecto: todas as condições de trabalho do "conta própria" estão vinculadas à baixa tecnologia, o que representa baixa produtividade. Hoje,

50% dos autônomos (na RMPA) estão na área de serviços, que tem muito menos valor agregado. O tipo de serviços ou produtos com os quais o autônomo lida, geralmente, não são exportáveis, ou seja, não significam nenhum tipo de crescimento econômico para o Estado ou para o País. "Esse setor de atividade não pode abocanhar a renda de outros países, e também não gera riqueza. Ele apenas faz com que a riqueza circule mais", diz Lúcia Garcia.

Uma questão global

O crescimento das atividades informais não é uma característica apenas dos países subdesenvolvidos. No mundo inteiro está havendo uma transformação das relações de trabalho, uma remodelação da forma como as pessoas estão se inserindo no mercado. Nos anos 80 e, principalmente, na década de 90, ocorre a expansão das formas de trabalho que não são padrão (o padrão seria o assalariamento tradicional). Está havendo um crescimento desse tipo de iniciativa de forma global. Conforme Lúcia Garcia, o problema é que esse processo está sendo acompanhado de uma queda do desenvolvimento econômico no mundo inteiro. No Brasil, o que acontece é que o mercado de trabalho brasileiro já nasceu com essa pulverização, já nasceu com os "contas próprias". O Brasil tinha essa característica desde o início da formação de sua economia. "As novas tendências mundiais só vieram para pulverizar ainda mais o mercado de trabalho brasileiro, que já era muito heterogêneo", explica.

A economista diz que a tendência é que esse fenômeno continue a crescer, mas que a taxa de mortalidade desses pequenos negócios continue a crescer também, que eles tenham uma vida cada vez mais curta. "Essa taxa de crescimento é muito mais uma taxa de rotatividade do que o crescimento real do mercado de trabalho. É como se a gente estivesse trocando coisas de lugar. Como se estivéssemos repartindo de forma diferente um boi, e não fazendo ele crescer", conclui.

*Dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE) / Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socio-Econômicos (DIEESE)

Estado interfere para garantir igualdade de condições no mercado de trabalho

Supermercados de Porto Alegre reservam cotas para negros e para maiores de 30 anos

Sirlei Pastore

Segundo a Constituição, todos são iguais perante a lei. Mas e perante o mercado de trabalho? Para defender o princípio da igualdade, tem crescido as exigências por um sistema de cotas no mercado de trabalho para os chamados "excluídos". O setores públicos e privados se vêem obrigados a contratar ou ampliar os quadros destinados a vítimas da discriminação do atual modelo econômico. Assim, mulheres, deficientes e negros, por exemplo, ganham uma "ajudinha" na hora de enfrentar a acirrada concorrência dos concursos públicos ou disputar vagas nas grandes empresas privadas.

A desigualdade na economia de mercado não é novidade. Durante a primeira metade do século XX, os efeitos sociais negativos decorrentes do avanço desregulado do capitalismo influenciaram a criação de políticas econômicas e sociais favoráveis ao bem estar social. As tendências de desemprego, desigualdade social e exclusão, inerentes ao processo de desenvolvimento capitalista, fragilizaram o padrão de integração social pós 2ª Guerra Mundial. Segundo o economista formado pela UFRGS Eduardo Gomes Macedo, existe desigualdade no modo de produção capitalista devido à forma de inserção do trabalhador no mercado de trabalho.

O capitalismo não é excludente em relação à mulher, ao negro ou ao deficiente, mas em relação ao trabalhador. "Existe uma relação de contraposição entre o capital e o trabalhador", explica Macedo. Desde o nascimento do capitalismo, existe este cabo de guerra entre quem vende a sua força de trabalho e quem compra esta força. As leis de trabalho, consolidadas no governo de Getúlio Vargas, expressam esta relação de trabalho, mas foram construídas com base na correlação de forças daquela época. Atualmente, além da exclusão social do trabalhador, o mercado de trabalho promove a discriminação de segmentos populacionais como os negros e as mulheres.

O Estado é obrigado a intervir no processo econômico. Foi o Estado brasileiro, por exemplo, que promoveu, investindo diretamente, a industrialização

do país. Foi a política de desenvolvimento dos anos 40 e 50 que proporcionou o crescimento de grandes empresas industriais. "O modo de produção capitalista e a iniciativa privada se tornaram o que são hoje com a ajuda do Estado", explica Macedo. Pode se dizer que, hoje em dia, não deve haver separação entre Estado e economia.

Pensando nisso, desde maio do ano passado, a Prefeitura de Porto Alegre negocia a instalação de grandes empreendimentos (área de venda igual ou superior a dois mil metros quadrados) com exigências relativas ao impacto sócio-econômico desses investimentos no município. O decreto municipal 11.978 incluiu no Estudo de Impacto Ambiental (EIA-Rima) os efeitos do novo estabelecimento na economia da região. A legislação exige que sejam levados em consideração para o licenciamento do negócio o impacto ambiental nos meios físico, biológico e sócio-econômico.

O primeiro estabelecimento negociado sob as novas regras foi o hipermercado do grupo francês Carrefour, a ser construído na zona norte da capital. Entre outras medidas, o

Carrefour fica obrigado a destinar 10% das vagas a pessoas com mais de 30 anos. O objetivo é a defesa dos pequenos e médios comerciantes e empresários da capital, já que a partir dos dados do Estudo de Impacto Ambiental apresentado pelo grupo, o empreendimento vai eliminar 207 postos de trabalho nesses pequenos empreendimentos da região.

Uma nova exigência da Prefeitura, no entanto, causou polêmica, promovendo discussões em toda a imprensa nacional sobre as cotas de participação no mercado de trabalho. Durante as negociações para a instalação do novo hipermercado da rede gaúcha Zaffari na zona sul de Porto Alegre, uma nova cláusula foi incluída, exigindo cota racial de 5%.

A exigência da Prefeitura é resultado da pesquisa do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), encomendada pelo Sindical Instituto Interamericano pela Igualdade Racial, realizada em seis regiões metropolitanas do país. Conforme dados da pesquisa, o índice de desemprego da re-

gião metropolitana de Porto Alegre em 98 foi de 15,8%. O índice para homens negros sobe para 19,2%, enquanto para homens brancos é de 15,6%. Para as mulheres negras, o percentual atinge a marca dos 22,2%. As vagas são preenchidas nesta ordem: homem branco, mulher branca, homem negro e mulher negra, com salários 70% inferiores para os negros. A cota racial de 5% foi estabelecida proporcionalmente à população negra da região metropolitana, que é de 15%.

O Supervisor de Grandes Empreendimentos da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic), Eduardo Raupp, vê as cotas de participação como forma de estabelecer maior igualdade no mercado de trabalho. A Prefeitura quer, com isso, estabelecer equilíbrio na concorrência, evitando a dominação das grandes empresas e a concentração da mão-de-obra. "O capital determina a forma de desenvolvimento e se movimenta com muita rapidez. O Estado não pode deixar predominar o interesse só do capital", explica Raupp.

A eficiência e a legalidade das cotas de participação são discutíveis. Economistas, advogados e políticos se perguntam se esta é a saída para a histórica exclusão social promovida pelo capitalismo. As cotas de participação beneficiam os trabalhadores, mas não atingem a origem do problema. "A origem do problema é de novo uma discussão entre capital e trabalho e como esta relação se manifesta na estrutura de poder do Estado", observa o economista Eduardo Macedo. Para ele, esta contradição é inerente à forma de funcionamento do capitalismo. Ele vive disso, conclui.

Correta ou não, a atitude pioneira da Prefeitura de Porto Alegre está servindo de modelo para outros projetos. Está circulando no Senado projeto-delei que estabelece uma cota mínima de vagas para estudantes pobres nas universidades públicas. A iniciativa também recebeu o apoio de entidades ligadas aos direitos humanos. Jogada de marketing ou não (já que estamos há menos de um ano das eleições municipais), os excluídos do atual modelo econômico agradecem.

Dados do Dieese

Índice de desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre conforme o sexo e a cor:

Homem branco	13,1 %
Mulher branca	18,1 %
Homem negro	19,2 %
Mulher negra	22,2 %

Mercado exige profissional com múltiplas habilidades

Ser comunicativo e estar preparado para mudanças são pré-requisitos essenciais

Leandro Brixius

Um dos principais problemas deste final de milênio é o desemprego. Países desenvolvidos ou não enfrentam as dificuldades sociais de uma realidade em que, muitas vezes, 20% da população não têm trabalho. Conseqüentemente, não consome, o que não é bom para economias capitalistas. Uma das causas para o grande número de pessoas sem emprego são as exigências de mercado.

As novas relações de trabalho exigem um profissional que não tenha só o conhecimento técnico, mas também habilidades para relações interpessoais e liderança. Cada vez mais, a característica fundamental de organização das empresas está centrada no desenvolvimento de projetos que envolvem vários funcionários de diversas áreas, desde o office-boy até o diretor. A divisão de tarefas por setores está sendo substituída por uma organização global e horizontal, em que o que mais conta é saber planejar e dividir demandas.

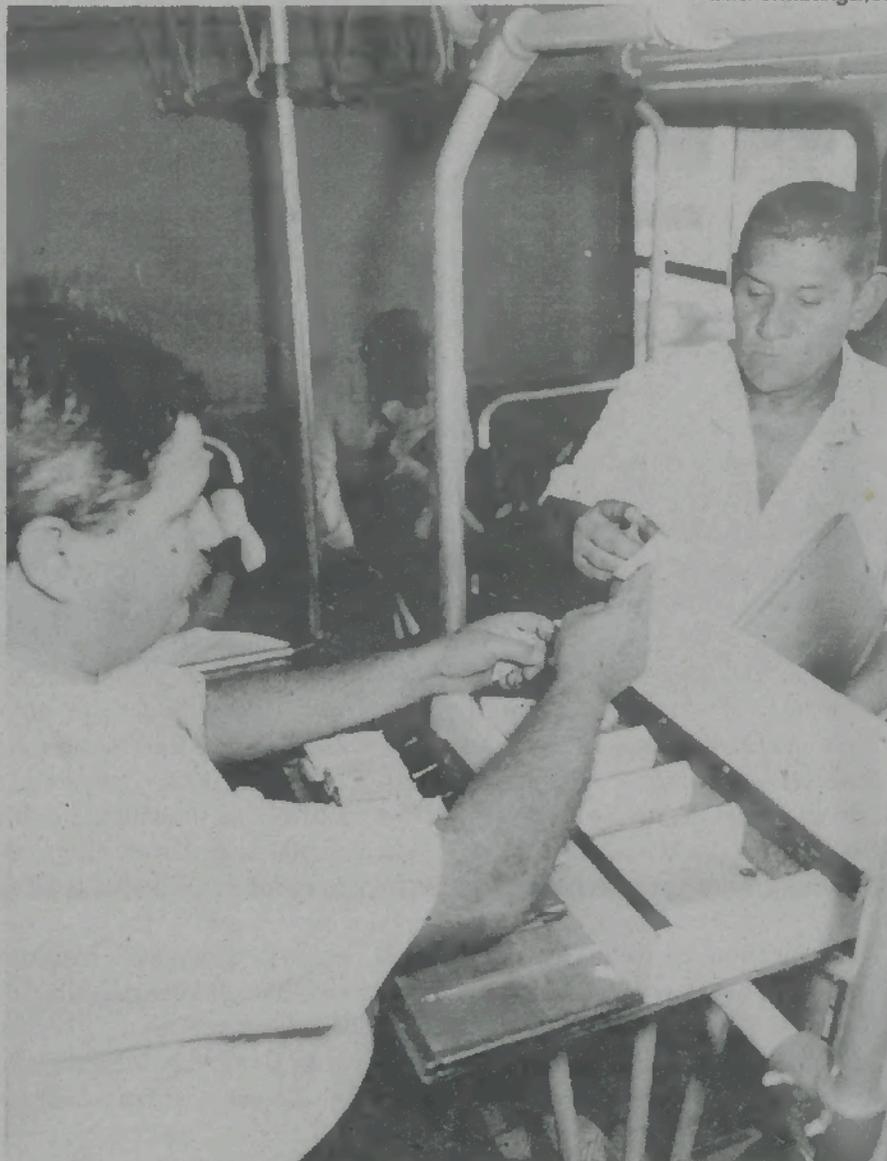
O avanço tecnológico contribui para esse novo perfil. Escrever um texto não é mais uma tarefa que necessite de uma secretária para datilografar o que foi ditado pelo chefe e de outra pessoa para entregar a correspondência. Atualmente, o próprio diretor digita a mensagem em seu computador e envia pela internet, sobrando tempo para outras tarefas.

Habilidade comunicativa é o requisito básico para o profissional desta virada de milênio, necessária em todos os níveis de negócio, desde uma simples venda até uma grande fusão de empresas. A consultora de Recursos Humanos Vera Susana Moreira ressalta que "vivemos em uma sociedade de informação, onde é fundamental saber acessar e selecionar o que é necessário em meio há centenas de fontes". Para isso, segundo ela, é imprescindível falar uma língua estrangeira e trabalhar com computadores e internet. "Estes requisitos nem devem ser colocados no currículo, são óbvios", completa Vera Susana.

Mudanças de percurso

O profissional que está vinculado unicamente à tarefa que executa está fadado a desaparecer do mercado de trabalho. Isto porque o desaparecimento de funções e o surgimento de outras

Marlene Maissinger/JC



Cobrador de ônibus: uma função que deve desaparecer em poucos anos.

acontece com grande velocidade. Um exemplo são os cobradores de ônibus. Dentro de poucos anos, o sistema de transporte urbano de Porto Alegre vai utilizar roletas eletrônicas, não sendo mais necessária a presença de um cobrador em cada veículo. É um cargo em extinção e os profissionais têm que estar apto para assumir novas funções. "O indivíduo deve ter uma visão maior que a tarefa, para destruí-la e criar outra substituta, antes que outro o faça", alerta a consultora.

O Hospital Mãe de Deus, na Capital, trabalha com esse novo perfil profissional e valoriza uma questão em especial: o comprometimento das pessoas com o seu emprego e com a sua carreira. O indivíduo vê seu emprego como uma fonte de recursos, que lhe dá dinheiro no fim do mês e ele gasta como achar melhor. Ou vê aquele cargo como uma parte de uma carreira traçada para si. "Queremos o segundo tipo de profissional, porque ele valoriza seu autodesenvolvimento, sem esperar que a empresa dê tudo", diz a supervisora de Recursos Humanos do hospital, Adriana Mainieri.

Essa característica sistêmica é importante principalmente porque o emprego não é mais durável. Os índices de rotatividade, principalmente nos cargos mais altos, são grandes. Mas a rotatividade pode também ser gerada pelo profissional, que, a partir do momento que planeja sua carreira, indica o que lhe serve hoje e pode não ser mais útil amanhã. "Ninguém mais permanece vários anos em uma mesmo local de trabalho", observa a consultora Vera Susana Moreira.

Em função disso, é necessário que o profissional esteja constantemente buscando atualização. As fontes podem ser as mais diversas, desde cursos até leituras do dia-a-dia, mas deve-se saber selecionar o que é importante. O profissional nunca está pronto e um diploma de curso universitário é apenas um pré-requisito para ingressar nos processos de seleção. Uma excelente opção profissional surgida nos últimos anos é a terceirização. "Trabalhar autonomamente e por projetos é muito interessante e lucrativo" diz a consultora. Muitas vezes, as pessoas alegam não encontrar um emprego. Para esses casos, ela recomenda "comece procurando um trabalho, pode ser bem melhor", completa.

Características do profissional do século XXI

As empresas estão mudando seus conceitos de administração. Com isso, novas características profissionais estão sendo valorizadas:

- Comunicação
- Expressão
- Dinamismo
- Adaptabilidade
- Persistência
- Planejamento
- Trabalho em grupo
- Emoção

A grande 'pequena imprensa'

Apesar da falta de apoio, a imprensa de pequeno porte insiste em existir na capital

Ronaldo Botelho

A imprensa de bairro é uma modalidade de jornalismo, pequena e direcionada, que mantém-se ativa na Capital gaúcha. Esse tipo de veículo, constitui-se estruturalmente com empresa – diferentemente do jornalismo comunitário, que, na definição do professor paulista José Marques de Melo, “é um meio autêntico da comunidade, produzida pela e para esta”.

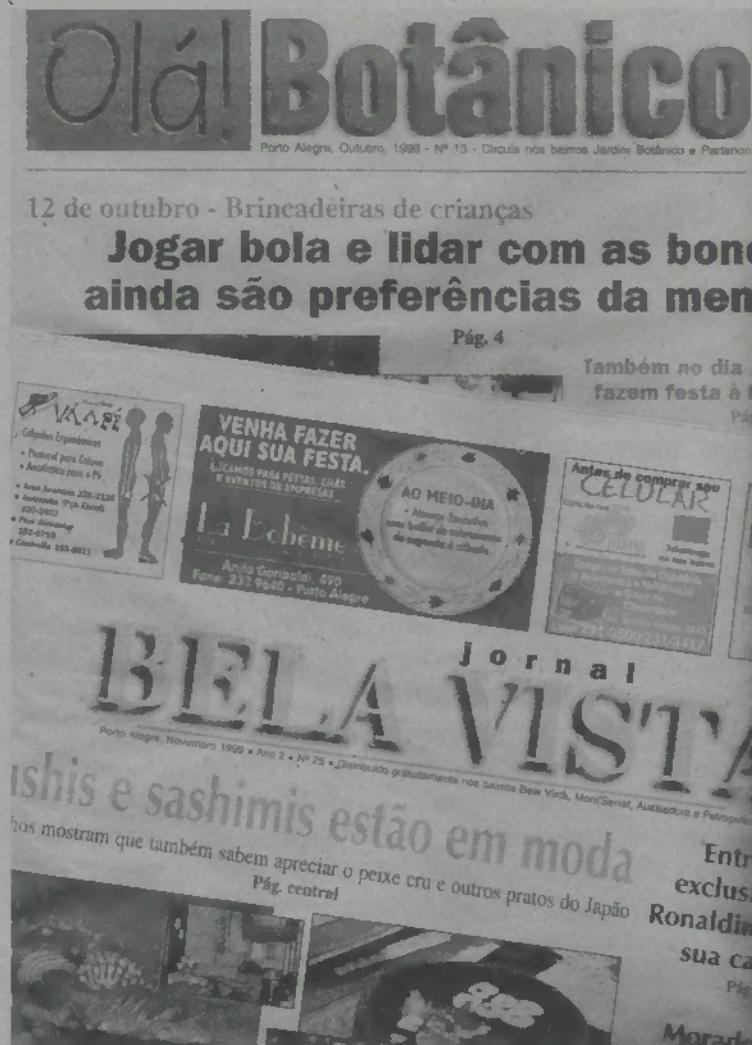
Organizada na maioria dos casos como micro-empresas e com sede administrativa na própria região de seu público alvo, essa modalidade de imprensa oferece ao leitor informação sobre o que está a sua volta, assuntos não abordados pela grande imprensa, em que os critérios de relevância não primam necessariamente pelo destaque àquilo que está geograficamente próximo ao leitor.

Difícil empreendimento

Se considerada do ponto de vista estritamente comercial, a imprensa de bairro, ou ‘micro-imprensa’ é muito pouco rentável enquanto empreendimento. Com um faturamento médio de R\$ 2,5 mil (conforme dados da AJOB) e com uma tiragem entre 4 e 10 mil exemplares, esse tipo de veículo tem uma estrutura operacional também limitada. A impressão, por exemplo, é feita em gráficas particulares na CORAG (empresa estatal) ou até mesmo em outros jornais maiores.

Como a legislação não impõe grandes dificuldades, muitos jornais de bairro são criados amadoristicamente, mas dificilmente sobrevivem por muito tempo. Contudo, as empresas desse tipo, que assumem um a postura séria e conseguem driblar as barreiras da selva do mercado, tem uma resposta positiva do público. “O leitor é muito receptivo a esse tipo de jornalismo”, observa Beatriz Dornelles, presidente da Associação dos Jornais de Bairro de Porto Alegre (AJOB) e também proprietária de dois mensários nos bairros Bela Vista e Jardim Botânico.

Para Beatriz Dornelles, não é apenas a iniciativa privada que é indiferente aos pequenos veículos de comunicação. A presidente da AJOB também se queixa da falta de estímulo por parte do poder público, especialmente na esfera estadual. “Por parte do governo do Estado, o apoio que temos recebido



'Bela Vista' e 'Olá Botânico': propostas semelhantes para duas regiões.

é zero”, desabafa. A distribuição da verba publicitária do Palácio Piratini é realizada por agências que concorrem para isso em um processo licitatório.

De acordo com Vera Spolidoro, coordenadora de imprensa do atual governo, está sendo inaugurado nesta gestão uma política descentralizadora na área da publicidade. “Essa estratégia visa falar diretamente com a Comunidade”. Para tanto, temos priorizado os veículos locais do interior”, explica. Os proprietários dos pequenos jornais da Capital, entretanto, não verificam a concretização desse dessa política do governo para a área de comunicação. “Infelizmente, o executivo estadual tem um discurso diferente da prática”, queixa-se Elmar Bones, sócio da JÁ EDITORES.

Fundada em julho deste ano com a perspectiva de representar institucionalmente os proprietários dos pequenos jornais da Capital, a AJOB conta atualmente com oito associados. Qualquer jornal, de caráter comunitário, regulamente registrado na junta comercial e em sintonia com o código de ética da categoria, pode filiar-se à as-

sociação. Beatriz Dornelles se queixa da insensibilidade por parte dos comerciantes, que não têm apostado suficientemente na imprensa pequena. “Infelizmente, falta aos proprietários de estabelecimentos comerciais a visão sobre a importância desses veículos”, alfineta.

O jornalista Elmar Bones, que edita o jornal JÁ, faz coro a essa crítica, indo ainda mais longe: “A imprensa de bairro realiza uma cobertura que foge à capacidade da grande imprensa. Esse tipo de jornalismo deveria ser um serviço oferecido à comunidade pelos comerciantes”, opina. A JÁ EDITORES, que já contou com um quadro de vinte funcionários, hoje tem apenas 12. Apesar das dificuldades, ela é uma espécie bem-sucedida de empresa jornalística de pequeno porte. Com a experiência de quem já foi um dos cérebros da famosa COOJORNAL, a Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre, Bones explica que seu veículo atende hoje a um público consideravelmente qualificado, que reúne os moradores dos bairros Santana, Floresta, Moinhos de Vento e Bom Fim.

Credibilidade e ciúmes

Mesmo com o estigma de ‘imprensa nanica’ o jornalismo de bairro tem conquistado credibilidade perante a população e desperta ciúmes na grande imprensa. O OI (antigo OI, MENINO DEUS), por exemplo, que já chegou a

32 mil exemplares e conquistou cinco vezes o Prêmio Ari de jornalismo, provocou uma verdadeira fúria entre a diretoria executiva do jornal Zero Hora. Como reação a ‘ousadia’ desse pequeno veículo a RBS reagiu, impossibilitando que o OI continuasse sendo impresso nessa empresa. Nesse período, a RBS criou também um jornal de bairro para neutralizar o OI: o ZH Praia de Belas. Mas a iniciativa não teve receptividade do público, e não durou muito tempo.

O diretor do JÁ reclama do controle que seu jornal sofre pela grande imprensa. Ele conta, por exemplo, que, recentemente, uma conhecida distribuidora de combustível sofreu enormes pressões pela RBS, por ter anunciado no JÁ. “Somos sistematicamente fiscalizados pela Zero Hora. “Quando conquistamos um bom anunciante, não demora muito para que ZH apresente uma oferta melhor, ainda que provisória, apenas para nos prejudicar, tirando nosso cliente”, queixa-se Bones. Para ele, a falta de uma interferência mais firme por parte do Sindicato dos Jornalistas e do poder público permite muitos abusos éticos nesse mercado.

No Sindicato dos Jornalistas do RS a preocupação mais refere-se à fiscalização nas empresas, a fim de assegurar a presença de jornalistas. “É notório que os jornais de bairro tendem a se fortalecer. O que não pode é isso correr à margem da lei”, observa Leo Flores Nuñez, um dos diretores do Sindicato.

Com experiência na imprensa comunitária do bairro Floresta, o professor de Administração em Jornalismo da FABICO/UFRGS, Mário Rocha, filia-se à opinião dos que entendem que o jornal de bairro pode ser um espaço para uma produção de alta qualidade. “No jornalismo de bairro, a segmentação é um fator de natureza geográfica, que não precisa necessariamente comprometer a qualidade do suporte”, explica. A sua avaliação, entretanto, abrange também o outro extremo: “Da mesma forma, pode se fazer um péssimo jornalismo em um veículo da grande imprensa”, contrapõe.

O ex-proprietário do OI, Geraldo Canali, endossa esse ponto de vista. “Se feita com seriedade, a imprensa segmentada sempre terá espaço”, observa. Mesmo assim, ele não alimenta ilusão sobre o futuro: “Não existe mais ação entre amigos, é preciso profissionalismo”, salienta.

Entrevista com u

3 X 4 - Como o senhor veio parar na Terra?

Mestre de Orion - Eu fui entrante aos três anos, foi em 46. O corpo físico nasceu em 43. Eu vim para cá e acho que cheguei como espírito, no fim da II Guerra Mundial, em 45. Porque em Orion havia uma guerra, eu era da resistência chamada Liga Negra e lutava contra o Império de Orion. Fui atingido por um raio portálico. Fui rastreado, descoberto e atingido. O raio destruiu todo o corpo físico e a alma foi lançada para outro ponto da galáxia. Era guerra lá e sintonizou na mesma vibração, a Guerra Mundial aqui na Terra. Então eu vim parar aqui. Foi um salto no hiperespaço.

3 X 4 - Como foi a descoberta de sua condição de extraterrestre de Orion?

Mestre de Orion - Nos anos 70, eu era atraído pela constelação de Orion, das Três Marias. Eu olhava e parecia que era a libertação, uma janela para o infinito. Depois eu comecei a receber essas imagens: uma casinha redonda, vegetação e animais. Não é memória, são imagens que eu recebo. Então houve uma sessão de telepatia, em 76. O melhor telepata que recebia contatos de seres de Orion disse: você veio de Orion. Eu pensei: bem que eu desconfiava que não era daqui, porque eu sou meio inadaptado. Então, naquele tempo os vampiros começaram a me atacar. Já são 23 anos de ataque.

3 X 4 - Por que mestre de Orion?

Mestre de Orion - Me chamo mestre porque tenho domínio da ciência. Eu sou reconhecido assim. Pessoas sensíveis, por exemplo, a dona Ernestina, minha vizinha, pode ver meus implantes extraterrestres facilmente. Diz que a minha escala de vibração está uma oitava acima.

3 X 4 - O senhor é atacado por vampiros?

Mestre de Orion - Eles querem que eu fique parado. São vampiros energéticos. Eu fiquei sabendo pela minha irmã que lá nos Estados Unidos isso se chama fadiga crônica. É que os materialistas não sabem que são vampiros, eles não dariam essa explicação. Os vampiros atacam uma pessoa tirando energia por um ponto de *sugação*. A pessoa fica de cama, não pode fazer nada.

3 X 4 -

Os vampiros atacam pessoas normais?

Mestre de Orion - Falei sobre os vampiros em um congresso em Curitiba. Expliquei como se faz exorcismo, assim como fiz na Gládis que mora aqui. Minha esposa, com x. Ela se ajoelhou na cama, eu lhe passei várias vezes as mãos e fiz assim: shh, shh, shh... Espantei os vampiros e ela ficou cheia de energia naquela hora. Mas aquele que faz exorcismo tem que ter energia para fazer. Depois, no congresso, vieram duas pessoas dizer que eram atacadas. Uma moça, bem desesperada, não sabia o que fazer. Eu também não sabia o que fazer, eu tentava tudo: rosa vermelha, cristal, pirâmides na cabeça. Levei 15 anos para descobrir, não sabia o que era. Então deduzi: se havia 400 pessoas no auditório e duas se apresentaram

3 X 4 - Qual é a sua religião?

Mestre de Orion - Eu sou o Mister M da religião. Penetro em cada assunto e decifro tudo. Eu tenho o estudo das religiões chamado Hierama. É um esquema geométrico, baseado num teste. O teste foi publicado no Jornal do Brasil, no tempo em que os jornais ainda publicavam matéria minha. A minha religião agora é Religião Científica Orionismo. Antes eu freqüentava tudo que é religião. Depois, em 81, eu deduzi que Deus é Matemática.

3 X 4 - Como o senhor chegou a

Marlene Massinger



dizendo que tinham sido atacadas, nessa proporção, no Brasil, as pessoas atacadas deveriam ser 700 mil.

3 X 4 - Com que intenção os vampiros lhe atacam?

Mestre de Orion - Eu sou muito perigoso, eles querem que eu fique sem fazer nada.

3 X 4 - Serão os vampiros extraterrestres?

Mestre de Orion - O Hélio Henrich, meu terapeuta, me disse, por telefone, em 91, que eram vampiros extraterrestres. Aí eu disse: bem que eu desconfiava que eram vampiros.

essa conclusão?

Mestre de Orion - Que Deus é matemática eu botei em forma de poesia. Para a pessoa compreender: a matemática é invisível, sutil, perfeita, inespacial, intemporal, assim como Deus.

3 X 4 - Quem mora com o senhor?

Mestre de Orion - Uma pequena comunidade selecionada, são pessoas que eu tolero. Tem a Gládis, tem a Iara, tem a Ivoni, tem a Sofia que tem 11 anos e tem QI 200.

Numa Galáxia muito

As forças resistentes lutavam

Hoje, o poderoso Governo Oculto Negativo pretende dominar o nome terreno do Mestre de Orion) os rebeldes têm uma esperança... A

No bairro Menino Deus, em Po

... Existe um soldado, um cientista inadaptado, uma sonda interplanetária

Governo Oculto

se os terríveis vampiros energéticos não

Karlos Duat tomou forma humana e

e hoje dilulga suas ob

Atenção terráqueos: não se t

3 X 4 - Duzentos?

Mestre de Orion - Sabe qual é o meu QI? Primeiro eu pensei que era 145, depois fiz um teste em um livro, deu 162. Calculei de várias maneiras... Eu pensava: mas como? Tem pessoas que dizem que têm 240, a Sofia tirou 200 e daí o Hélio telefonou pra mim e disse: você deve ter QI maior que 200. Bem que eu desconfiava... Meu QI, reavaliei depois, deu 250. O de Einstein era 170. Eu sou um continuador da obra de Einstein. Escrevi artigos da Relatividade que mostro para os colegas da Física. Tenho 140 inventos. Mandei fazer uma *jaqueta* espacial que uso quando vou a congressos. Ela tem o símbolo da Religião Científica Orionismo. As três estrelas representam Orion Central, de onde eu vim, e as duas tarjas, vermelho e preto, representam o meu signo e ascendente.

3 X 4 - Qual é o seu signo?

Mestre de Orion - Áries, ascendente em capricórnio. E o verde representa a ecologia, o planeta Orion tem muito verde, uma vegetação exuberante. Eu tive várias imagens. O símbolo da jaqueta espacial é a média das bandeiras de Israel e do Iraque.

3 X 4 - O senhor não tem interesse em colocar a sua obra no internet?

Mestre de Orion - Eu tenho planos. Agora, tudo o que eu penso, em geral, só fica nos planos. Fico só pensando que eu poderia fazer. Mas fico só nos planos, os anos vão passando e eu não passo. Durante várias horas por dia, se eu não estou comendo, ou dormindo, ou fazendo compras, quer dizer: as 24 horas do dia para mim não chegam, preciso de 30 horas.

Marlene Massinger



não
chega
n i n -
guém. Daí
não sai a palestra.
Depois eu telefono per-
guntando: o que houve? Ah, um
ficou doente, a outra ficou doente...

Foram atacados pelos vampiros e não pu-
deram ir. Então isso é a guerra do futuro.
Tá tudo contra mim agora.

vampiros
pelo mundo em 1908.

Por trás deles está o Governo
Oculto Negativo. Ele tem o controle,
tem os magos negros, os vampiros, os
demônios.

3 X 4 - E a Fundação Carlos
Ducatti não poderia lhe aj-
dar?

Mestre de Orion - Em 87, mandei car-
tas para as embaixadas de dez países,
dizendo tudo o que eu faço de impor-
tante, que gostaria de me mudar para
lá, de ser sustentado com salário e ter
uma sede com 20 peças, ter umas 70
pessoas competentes trabalhando. Só
a metade deles respondeu. As duas res-
postas mais positivas foram da Ingla-
terra e da Rússia. Na Rússia eles não
têm tantas barreiras, eles têm coragem
de dizer que tal coisa foi de origem ex-
traterrestre. E parece que foi lá que co-
meçou essa dos vampiros. É uma nave
que foi atacada, explodiu e espalhou os

3 X 4 - O senhor não faz mais
palestras?

Mestre de Orion - Um dia eu pensei:
bom, mas se eu não posso conseguir um
local de graça para dar palestras, então
vou pagar. Fui lá, tratei, dia tal, palestra.
Depois vem um telefonema para mim di-
zendo que uma turma de senhoras tratou
de conseguir aquela sala, naquele dia, na-
quele hora. Os negativos deram um jeito
de ir na mente delas para que fizessem
aquilo. Se eu consigo um local e convido
as pessoas, e aí, o que acontece? Elas fi-
cam doentes, de cama e não podem ir. Eu
chego e fico esperando, esperando e

3 X 4 - Como são os seus implan-
tes?

Mestre de Orion - Tenho nove implan-
tes extraterrestres, são *chips*. Só que
os meus são etéricos. Nunca ouviu fal-
lar de implantes em filmes? Eu sou um
homem-sonda. Funciono como sonda,
capto informações que são emitidas.
Recentemente tive um implante ativa-
do na mão. De várias cores: azul no cen-
tro e em volta outras cores piscando.
Um pisca-pisca irradiando para todo o
planeta. Depois foi se reduzindo, mas
ainda continua funcionando. Essas lu-
zes são emitidas para melhorar a vibra-
ção das pessoas e animais na Terra. Tal-
vez tenham evitado também a Terceira
Guerra Mundial que estava sendo pre-
vista por Fátima.

3 X 4 - Fale um pouco sobre os
seres de Orion.

Mestre de Orion - Foi muito rápido que eu vi uma
pessoa de Orion, há pouco tempo, usando uma rou-
pa, tipo espacial, colante, branca. E animais eu só vi
dois. Um eu chamo de jacaré bicudo, era um jacaré
mas tinha bico. O outro são percevejos triangulares
vermelhos, vários dentro de uma caverna, só isso. O
que eu vi mais foram vegetais, plantas.

3 X 4 - E as pessoas de Orion
são semelhantes a nós?

Mestre de Orion - Os índios vieram de Orion. Todos
os índios da América vieram de Orion. Eles estavam
querendo fazer reação contra o Império e foram tra-
zidos e largados na Terra. Os gatos também vieram
de Orion. Eu deduzi e depois foi confirmado.

3 X 4 - E os teletubbies?

Mestre de Orion - Também. Os teletubbies têm a
influência dos seres de Orion. As casinhas são seme-
lhantes às de Orion. É uma influência muito positiva
sobre os terráqueos, uma ligação de paz, de amor, de
carinho.

3 X 4 - O senhor estava à procura
da Primeira Secretária Cós-
mica da Terra. Não está mais?

Mestre de Orion - Eu já desisti desse negócio de
secretária cósmica.

3 X 4 - Por que tinha certos pré-
requisitos (ela deveria ter en-
tre 1,57 a 1,63 de altura, no
máximo 55kg, ser solteira, não
trabalhar, não estudar etc)?

Mestre de Orion - Claro, tinha que ser conforme eu
quero. Era pra mim. Eu quero ter um filho para que
ele seja continuador e divulgador da obra.
Esse é o plano.

TESTE DE PESSOALIDADE

Responda às questões abaixo e descubra o seu grau de civilização individual. Marque ao lado: sim, mais ou menos, ou não.

QUESTIONÁRIO:

1. Você costuma lamentar os males do mundo sem propor soluções? ()
2. Protela, sempre que pode, o ataque aos problemas que surgem? ()
3. Seus hábitos alimentares são arraigados, difíceis de mudar? ()
4. Em sua vida mental ocorrem credices, "simpatias" ou vícios? ()
5. Idem: dogmatismo, limitações ou bitolamentos? ()
6. Quando estudava na escola, esforçava-se para ser o primeiro da turma? ()
7. Ao escrever, você cria neologismos facilmente? ()
8. Colectiona selos, ou moedas ou alguma outra coisa? ()
9. Você é metódico e disciplinado? ()
10. Costuma fazer ginástica e controlar sua alimentação? ()
11. Fala corretamente e sempre na medida certa? ()
12. Considera-se um cidadão (não de um país, mas) do Mundo? ()
13. Em geral, suas perguntas são oportunas, objetivas e sérias? ()
14. Você escreve doze (ou mais) cartas por ano? ()
15. Acha que o dia é curto demais para os seus afazeres? ()
16. Você está sempre atento às coisas em seu redor? ()
17. Procura sempre divulgar informações novas e importantes? ()
18. Você age equilibradamente em função de si e da sociedade? ()
19. Você sabe pesquisar cientificamente e filosofar? ()
20. Você conhece algum outro alfabeto, além do que adota? ()

AVALIAÇÃO:

Para as questões de 1 a 5, os valo-
res das respostas (S, M/m ou N) são
0, 1, ou 2. Para as questões 6 a 20, os
valores são 2, 1 ou 0. O resultado da
soma dos pontos diretos deve ser ele-
vado ao quadrado. E, por motivos prá-
ticos, o número obtido deve ser divi-
dido por 10. Assim, o máximo de pon-
tos é 160.

CLASSIFICAÇÃO:

- 130 a 160: pessoa ou mais-que-pessoa
- 96 a 129: quasepessoa
- 68 a 95: semiverme
- 44 a 67: quaseverme
- 26 a 43: verme em 1º grau
- 12 a 25: verme em 2º grau
- 4 a 11: verme em 3º grau
- 0 a 3: subverme

A realidade do jogo liberado

Os bingos geram expectativa de ganhos que proporcionem uma vida melhor, além de lazer

Leila Inês Signor

Uma tênue nuvem de fumaça insiste em permanecer junto ao teto e por trás das luzes que se espalham pelo salão. O impacto do ar viciado de cigarros sobe pelas narinas causando um choque quase incontrolável. O ambiente é luxuoso: carpete vermelho, mesas redondas, cadeiras estofadas. Nesgas de luz permitem a visão, mas, favorecem também a penumbra, sugerindo mistério. Esse é o quadro que encontramos ao entrar em salões que exploram o jogo do bingo.

A abertura de salas para esse tipo de jogo começou a se tornar realidade no Brasil em 1993 com a Lei nº 8672, formulada por Zico, então ministro dos Esportes. Nessa Lei, no capítulo referente ao bingo, estão dois pontos de suma importância para o esporte no país. Primeiro, que só podem funcionar sob responsabilidade exclusiva das entidades desportivas e, segundo, que elas

devem receber o percentual mínimo de 7% da receita bruta advindo dos jogos.

Em 24 de março de 98, o então ministro dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, Pelé, instituiu uma nova lei sobre desportos. A Lei 9615 tornou a atividade mais organizada. Separou o bingo eventual, cujo prêmio é o sorteio de bens, do bingo permanente, em que o prêmio é pago em dinheiro. É atrás desse dinheiro fácil que centenas de pessoas vão todos os dias às casas de jogos espalhadas pelo país.

Admir Sartori, administrador e contador especializado na área, acredita que as pessoas buscam nesses lugares, única e exclusivamente, um pouco de lucro. "Ganhar alguma importância que os leve à compra de um televisor novo ou o pagamento de uma dívida", diz.

Da mesma opinião compartilha o proprietário do bingo eletrônico Praça XV, Leonir Boni, cujos frequentadores são pessoas de menor poder aquisitivo. "Aqui eles não encontram sofisticação,

ar condicionado, encontram apenas a ilusão e, às vezes, a realidade, de sair com algum dinheiro no bolso".

Existem atualmente no Brasil 1.700 casas de bingo. Dessas, 83 ficam no Rio Grande do Sul: 19 só em Porto Alegre. Segundo Sartori, 48% da arrecadação dos impostos efetuados nesse ramo no país são gerados aqui no Estado, o que representa um índice bem significativo no do território nacional.

Ricardo Malheiros, gerente de marketing do Real Palace Bingo, concorda com o especialista Sartori e acrescenta que o RS é o único estado da União a trabalhar com seriedade no ramo. Discorda, porém, de Sartori e Boni, em relação ao que as pessoas buscam nessas salas de jogos. Para Malheiros, elas não buscam apenas ganhos em dinheiro, mas também encontrar-se com outras pessoas e relaxar depois de um dia agitado de trabalho. O principal mesmo, no entender dele, é fugir da solidão. "O público

frequentador de bingos se divide em três categorias: 70% de aposentados, 20% de mulheres que não trabalham e 10% de jogador profissional, aquele que já é viciado", completa.

Outra característica dos frequentadores é que são migratórios — vão para onde está correndo mais dinheiro. Criando um círculo bem maior de conhecidos e amigos.

As salas de bingo também geram mercado de trabalho. São 60 mil empregos diretos e 100 mil indiretos. Também dão assistência a asilos e orfanatos, levam patrocínio às entidades de esporte amador e contribuem para incentivar uma gama imensa de jovens capazes de levar o Brasil à condição de potência esportiva. O último Panamericano, realizado em Winnipeg, mostrou isso. O Brasil e o RS conquistaram medalhas medalhas na Canoagem, Vela e Ginástica Olímpica, modalidades desportivas que, dentre outras, são patrocinadas pelos jogos de bingo.

Relatório Azul: histórias de vida e de discriminação

Chico Amorim

A Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa (CCDH) divulgou em novembro o relatório que apresenta o panorama das violações e garantias dos direitos humanos no Rio Grande do Sul durante o ano de 1998 e primeiro semestre de 1999. O Relatório Azul, referência à cor que é oferecida indistintamente a todos os seres humanos pela abóbada celeste, traz números, tabelas e iniciais de vítimas e acusados, inocentes e culpados. Nele constam os relatos de transgressões aos direitos humanos, não por número de ocorrências, mas por gravidade, em especial destaque, as violências doméstica e contra a criança e o adolescente, além da discriminação e exclusão dos soro-positivos.

"O relatório não é apenas um livro, é um projeto de Direitos Humanos", afirma a presidente da Comissão, deputada estadual Maria do Rosário, o que reflete bem o conteúdo das 551 páginas da publicação. Diferente das primeiras quatro edições anuais anteriores, o Relatório 98/99 traz a público capítulos sobre o direito ao meio ambiente sustentável, a violência contra policiais e as alternativas para universalização dos direitos humanos no Rio Grande do Sul.

Apesar de projetar a consagração dos direitos humanos na prática, seu discurso não foi construído em cima de tabelas e números simbólicos, mas de histórias de vida, dor, sectarismo e, muitas vezes, de descaso do Estado.

Em 3 de junho de 98, a Comissão de Direitos Humanos recebeu a visita de R.V., 22 anos, empregada doméstica, moradora de Porto Alegre, empregada doméstica, que revelou o seguinte episódio: na madrugada do dia 1º de junho, foi agredida pelo companheiro L.F.M., com quem vivia há seis anos e com quem tem dois filhos. O incidente ocorreu depois de uma partida de futebol. Depois do jogo, L.F.M. embriagou-se e usou mais de um tipo de drogas com amigos. Quando retornou para casa, por volta de 1h da manhã, voltou a usar drogas e acordou com um bofetão a companheira, que estava dormindo. Ao se dirigir à cozinha para beber água, a jovem foi acompanhada por L.F.M. que com agressões generalizadas, desejava que ela "desse conta de uns pastéis na geladeira." Depois de ameaçá-la, retirou a mangueira do botijão de gás, colocando-a em cima da cama, com dois cigarros acesos. Ao tentar fugir, a jovem foi espancada com uma barra de ferro e com duas facas de cozinha. Por último, L.F.M. ateou fogo com isqueiro na blusa de R.V., queimando seu abdômen.

Ao se apresentar à Comissão de Direitos Humanos, a jovem apresentava escoriações e pequenos cortes por todo o corpo, além de várias queimaduras e hematomas, que desfiguraram seu rosto. A Comissão encaminhou documentação para a Coordenação de Promotoras Criminais, solicitando providências. Posteriormente, a CCDH foi informada que a jovem R.V. havia voltado para o companheiro e desistido da ação.

A bola atinge e a viatura...

A CCDH foi procurada pelo jovem A.F. no final de junho de 98 que relatou a agressão de dois PM's. Após uma breve discussão, porque a bola com que o jovem jogava teria atingido a viatura conduzida por um dos policiais, os PM's o agrediram com tapas no rosto e um soco no peitoral. "Marquei a tua cara e se a gente se encontrar mais tarde, tu vais ver o que vai te acontecer", declarou um dos agressores. O jovem afirmou haver várias testemunhas do fato e ter feito ocorrência policial na 15ª DP. Enviada a denúncia à Corregedoria da BM, a conclusão foi que não houve transgressão ou crime dos policiais. "(...) Verifica-se que foi necessário uso moderado da força para efetuar a revista. (...) O senhor A.F. afirma ter sofrido ameaça e agressões no ouvido esquerdo e tórax, porém não se comprova, tendo em vista a inexistência de autos de lesões e de testemunhas. (...)"; diz o relatório da Corregedoria. Como o fato teria sido presenciado por várias pessoas, segundo A.F., a Comissão de Direitos Humanos oficiou à 15ª DP acerca da ocorrência registrada, mas até o fechamento do relatório, não havia tido retorno.

Na creche, AIDS não

Dia 28 de setembro de 98, o GAPARS enviou correspondência à CCDH denunciando que a menina A.S. foi discriminada na creche pertencente à Associação de Amparo Materno Infantil, em Guaíba, por ser portadora de HIV. Segundo o relato, a creche se recusou a manter a jovem como aluna após ter detectado o vírus, em abril

de 98. Na ocasião, a criança teria sofrido uma queda e a mãe adotiva, que já desconfiava de sua sorologia, teria informado à creche que aguardava o resultado do teste. Uma vez constatado o vírus, a criança foi abrupta e sumariamente suspensa e sua matrícula, cancelada. A creche alegou não possuir estrutura para acolher crianças com HIV/AIDS.

A Comissão encaminhou ofício à prefeitura de Guaíba, que mantém convênio com a creche, solicitando informações sobre a política que tem sido adotada para prevenir e informar a comunidade escolar sobre a infecção causada pelo HIV. Nenhuma resposta, porém, foi encaminhada até a elaboração do Relatório Azul.

Um projeto para o futuro

Felizmente, além do balanço, dos relatos sobre o desrespeito aos direitos humanos no Estado, o Relatório Azul traz uma agenda de ação da CCDH para o ano 2000. Em agosto deve-se realizar a 2ª Conferência Estadual de Direitos Humanos no RS. "A Conferência servirá para construir e sistematizar as propostas de políticas públicas sobre as diferentes áreas da agenda internacional dos direitos humanos", sintetizou a deputada Maria do Rosário. A discussão pode não ser o caminho mais curto, mas certamente é o mais consolidador, pois só com uma ação conjunta, entre Parlamento, Governo do Estado, ONG's, no conjunto da sociedade, é que se construirá um Estado, onde não se apanhe por jogar bola na calçada ou por não saber quem comeu o pastel da geladeira.

Correrias: a revolta dos índios kaingang

No século XIX, índios da nação kaingang escravizaram colonos alemães na região do planalto médio

Eduardo Ferreira

Ilustração Eduardo Ferreira

A luta pela posse de terras é uma questão que permeia toda a história do Brasil. Os primeiros conflitos pela supremacia de um território datam desde a época da colonização portuguesa, quando os índios foram obrigados a ceder espaço aos europeus. No Rio Grande do Sul não foi diferente. A região do Planalto Médio, no século passado, foi palco de um episódio praticamente ignorado nos livros de história: índios da tribo Kaingang escravizaram colonos alemães. O fato está registrado em vários ofícios, relatórios, processos-crime (contra os índios) e cartas dos chefes de aldeamento ao presidente da Província, Conde de Caxias.

O início da história

No século 19, após o fim da Revolução Farroupilha, imigrantes de origem alemã chegavam ao Estado em busca de melhores condições de vida e iam povoar terras do sertão gaúcho. Os europeus enfrentavam muitas adversidades para ocupar a região. A maioria deles não estava preparada para desbravar o mato e não sabia nem mesmo lidar com ferramentas de trabalho rural. O principal problema, no entanto, estava no fato de que o sertão era habitado por uma nação de tribos kaingang. Na realidade, o que ocorria era uma expropriação dos índios que habitavam tradicionalmente a região.

Havia o interesse em tornar o lugar produtivo economicamente e a independência dos kaingang era um obstáculo para os objetivos do governo. A situação ficava mais crítica quando colonos decidiam se apossar indevidamente de áreas indígenas que o governo não oferecia. Muitas tribos, no entanto, não estavam dispostas a perder suas terras para os imigrantes. Por isso, a resposta dos indígenas foi invadir as fazendas dos colonos.

As "correrias" kaingang

A tática adotada para expulsar os brancos era bastante violenta e foi ape-



lidade de "correria". Consistia em aguardar os momentos em que as propriedades ficassem pouco guarnecidas e investir contra os poucos habitantes que permaneciam na fazenda. Os homens adultos e os animais de grande porte eram mortos. Mulheres e crianças eram levadas às aldeias para trabalho escravo nas lavouras.

A distância entre as fazendas e as dificuldades de comunicação entre os colonos facilitava a tática dos kaingang. Era muito comum que a notícia de uma correria chegasse ao governo com pelo menos dois dias de atraso. Poucos prisioneiros voltavam.

A estudante de história Aline Ramos Francisco, que vem desenvolvendo o primeiro trabalho de pesquisa aprofundado sobre as correrias, explica que a escravidão dos colonos não pode ser confundida com a que foi imposta aos negros ou mesmo aos próprios índios no Brasil. Segundo Aline, os kaingang precisavam de mão-de-obra extra nas lavouras, pois o modo de produção que utilizavam exigia um grande número de pessoas trabalhando na plantação. Por isso, nenhum dos prisioneiros era forçado a trabalhar mais do que os índios. Todos deviam adaptar-se às normas da tribo, mas praticamente gozavam dos mesmos direitos e deveres dos seus raptos. "A comida era repartida igualmente e os prisioneiros dormiam no mesmo local que os ín-

dios", relata a estudante-pesquisadora.

Aline assegura que as escravas não corriam risco de ser violentadas, pois os homens da tribo não as consideravam dignas de uma relação sexual. Apesar disso, não eram bem tratadas pelas índias. A estudante conta que as prisioneiras sofriam agressões e humilhações por parte das mulheres kaingang. Quanto aos meninos, não havia nenhum tipo de violência. Eles eram treinados para a vida no mato aprendendo a sobreviver e a caçar.

A reação dos colonizadores

Para reverter a situação, os colonos contaram com o apoio do Governo Provincial. Ainda na década de 40, foi criada a Companhia de Pedestres, que atuava em vários povoados e tinha como objetivo garantir o processo de colonização da região. Tratava-se do principal aparelho repressor às investidas indígenas. A companhia aproveitava-se do fato de muitas tribos kaingang lutarem entre si. Dessa forma, era possível contar com a ajuda de alguns caciques para capturar os índios que praticavam as correrias.

Um caso bem ilustrativo é o do cacique conhecido como Major Prudente. Ele havia recebido a patente para ajudar a Companhia de Pedestres nas buscas dentro da mata.

No período de maior violência entre índios e colonos, durante a década de 50, também foram criadas companhias

particulares de ocupação para acelerar o processo de colonização das terras kaingang. Os fazendeiros contratavam bugreiros, que matavam os indígenas rebeldes. As ações privadas e governamentais foram dando resultado e, aos poucos, os índios foram confinados às três primeiras aldeias do Estado destinadas à nação kaingang: Nonoai, Guarita e Campo do Meio.

Aldeamentos kaingang

Os três aldeamentos, criados ainda nos anos 40 do século 19, estão na raiz da explosão de violência entre as várias tribos kaingang, ocorrida na década seguinte. Segundo Aline, muitos caciques não aceitavam viver nessas aldeias, pois eram obrigados a se catequizar e a trabalhar conforme os padrões de produção europeus. Além disso, tribos inimigas eram forçadas a dividir o mesmo espaço. Muitos índios abandonavam as aldeias para voltar a viver no mato.

Tal situação está diretamente relacionada às correrias praticadas pelos indígenas que não concordavam com a vinda dos colonos e a vida nos aldeamentos. Houve um acirramento do ódio entre as tribos inimigas, uma vez que algumas apoiavam os colonizadores na caça aos revoltosos. A explosão de violência na década de 50 poderia ser evitada ou amenizada se o kaingang fosse respeitado nas suas crenças e no seu espaço territorial.

A escolha do tamanho

Médicos questionam ética na cirurgia para aumentar ou reduzir o membro masculino

Márcio Pessôa

As culturas tribais dedicavam grande importância ao tamanho do pênis. Para elas, um falo grande significava poder, força e maior capacidade de reprodução. Em todos os continentes foram desenvolvidas técnicas para o aumento do pênis a partir da observação de costumes milenares. Índigenas peruanos chegavam a ter membros de 60 cm. Esse tamanho era conseguido com a tração através de pedras e cerâmicas penduradas. Os antigos sabiam que, pelo uso desse mecanismo, assim como várias outras partes do corpo, o membro também é passível de aumento.

Segundo escreve o médico Bayard Fischer Santos, em seu livro *A Medida do Homem*, lançado em novembro e com a 1ª edição esgotada, até 1970 não existia uma postura científica com relação ao aumento de pênis. "Esse tipo de abordagem foi feita pela primeira vez pelo terapeuta sexual Robert Washten. Ele usava técnicas baseadas em exercícios, calor e vácuo", explica. O desenvolvimento das cirúrgicas de aumento do membro se deu a partir da necessidade de resolver casos de crianças com micropênis, associados ou não a más formações congênitas. É um tipo de intervenção cirúrgica que tem se desenvolvido muito nos últimos anos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos.

Ética no tamanho

Porto Alegre tem um dos principais núcleos médicos especializados nesse tipo de cirurgia. Fica no Hospital das Clínicas e é chefiado pelo urologista Walter Koff. Segundo ele, a média do tamanho do pênis do brasileiro está entre 12 cm e 16 cm. O médico afirma que só se recomenda uma cirurgia de aumento a quem possua menos de 12 cm. "Nesses casos, existe prejuízo à atividade sexual da pessoa, ao prazer da parceira, mas isso é muito raro acontecer". Koff afirma que se o membro é muito curto, pode não haver penetração no ato sexual, principalmente se a mulher for obesa ou maior que o homem. O médico não admite cirurgias plásticas em órgãos maiores de 12 cm. Para o urologista, isso é anti-ético. "São pessoas que não estão bem emocionalmente em relação ao sexo oposto e pensam que, aumentando o pênis, vão se tornar mais atraentes, vencedoras,

se dar melhor na vida, ganhando até mais dinheiro. O médico tem que ser o primeiro a dizer que isso é uma fantasia."

Dáí surge um grande debate no meio médico brasileiro. As discussões ficam centradas na definição dos critérios para caracterizar quando são corretos os procedimentos para aumentar o tamanho do membro masculino. Para fazer o contraponto aos urologistas, surge a figura do andrologista. Bayard Fischer foi o fundador do Instituto de Andrologia e Reprodução Humana em Porto Alegre. Ele se especializou nesta área na Espanha. Para os andrologistas, o homem tem o direito de escolher o tamanho de seu pênis. "Se a pessoa está perdendo o cabelo e ficando careca, tem todo direito de fazer um implante", compara. Ele é o único andrologista de Porto Alegre que faz cirurgia para aumento peniano.

"Picaretas da Medicina"

Segundo dados apresentados por Fischer, nos EUA, esta é a sexta intervenção cirúrgica mais procurada. Na Espanha e na Itália, é comum se fazer este tipo de operação em hospitais públicos ou privados. O especialista diz que o único país do mundo que coloca barreiras à cirurgia é o Brasil. Para o médico, o desconhecimento sobre o assunto e "problemas políticos" fazem com que se procure regulamentar a cirurgia. O Conselho Regional de Medicina já entrou com uma liminar na justiça para evitar que os andrologistas façam a cirurgia estética. "Nós estamos com uma ação na Justiça Federal tentando cassar essa liminar, porque o Conselho não tem poderes para baixar esse tipo de determinação. Quem tem é o Conselho Nacional de Saúde", esclarece Fischer.

O chefe do núcleo do Hospital das Clínicas, entretanto, classifica como "picaretas da medicina" aqueles que fazem essa cirurgia e a anunciam na mídia. Koff acredita que não se pode fazer propaganda desse tipo de tratamento. "Vai haver, daqui a pouco, até anúncio luminoso dizendo: aumenta-se pênis. Serviço garantido", imagina. O médico

Arquivo Bayard Fischer



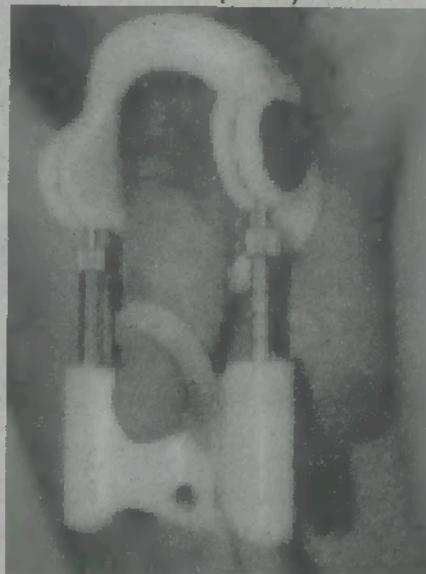
Micropênis: caso em que a cirurgia é indicada por todos

Porst, Hartmut, Penile, Disorders



Procedimento de secção do ligamento do órgão

Arquivo Bayard Fischer



Jes Extender: aparelho de tração para aumento do membro

afirma tratar-se de uma cirurgia complicada. "Ela pode exigir enxertos de gordura e de pele, retirados do abdômen, da barriga e da coxa. Às vezes infecciona, a cicatriz não fica bonita, fica endurecida, dolorosa, o pênis não fica simétrico. Fica deformado, inchado". Para ele, essa operação deveria ser encarada nos moldes da "transexual" - cirurgia de mudança de sexo. Ou seja, seguida sob a orientação de uma lei que permite sua execução apenas em caráter experimental, em hospital universitário ou em hospitais públicos, em caráter de pesquisa. "As pessoas devem evitar ser exploradas. Nenhum médico ético faria uma cirurgia dessas com uma conotação estética. Quem quer passar de 16 cm para 20 cm, precisa de um psiquiatra, não de plástico. É como alguém ir ao médico e querer botar mais um dedo na mão. Ninguém precisa de seis dedos", compara.

O direito à escolha

Bayard responde às acusações de Koff afirmando que não procura paci-

entes. "Quem julga que há problema são eles". Ele também discorda que é uma cirurgia complicada e dolorosa. "É uma cirurgia extremamente segura. Os riscos dela são mínimos. O que pode acontecer são pequenas intercorrências como em qualquer cirurgia plástica, como, por exemplo, uma irritação de sutura, uma quelóide". O preço da cirurgia tanto para aumento do comprimento quanto do diâmetro está, em média, R\$ 3.500. "Geralmente, os pacientes me procuram depois de anos visitando psiquiatra. Se tem uma técnica que vai fazer a pessoa se sentir melhor...". Ele diz que recebe cerca de 20 pacientes por dia. Suas cirurgias não são só de aumento, mas de diminuição também. "Às vezes um pênis muito grosso ou comprido, prejudica a relação". O especialista afirma que, em cada 500 mil homens, um tem mais de 30 cm de membro. "No RS, deve ter oito homens com mais de 30 cm. Desses, dois já consultaram comigo."

O Fischer afirma que há muitas técnicas para o aumento do tamanho do pênis. Para indivíduos com mais de 40 anos, há fisioterapias com o uso de tração. Em outros casos, os ligamentos do órgão são cortados e, através da fisioterapia, ele fica mais comprido. A técnica do peso tracionando o membro é a mais usada nos EUA. O resultado da cirurgia é imediato. Uma das mais aplicadas atualmente é a de alongamento com um aparelho de origem européia chamado *Jes Extender*, que, dependendo da idade do paciente (até os 40), dá uma expectativa de ganho em torno de três cm a cada seis meses de fisioterapia. Fischer foi o primeiro no mundo a empregar a técnica da *lipoescultura*, em 1988. É a mais utilizada no mundo. Trata-se da injeção de gordura na região subcutânea do membro para engrossá-lo.

A extrema direita assombra a Europa

Nos derradeiros dias do século XX, partidos extremistas e movimentos neonazistas reaparecem, assustando o continente

Rodrigo Lopes

O resultado das eleições legislativas no país em que nasceu Adolf Hitler está preocupando a Europa.

Na pequena e rica Áustria, a extrema direita, liderada por Joerg Haider, um político conhecido por suas declarações neonazistas, cresceu de forma surpreendente no último pleito, realizado no dia 3 de outubro deste ano.

Na vizinha Alemanha, o número de extremistas ligados a movimentos neonazistas cresce na mesma proporção que os índices de desemprego no país. Só no primeiro final de semana de outubro, 103 túmulos do maior cemitério judeu da Europa foram violados na capital Berlim.

Os funcionários do cemitério de Weissensee não encontraram nenhuma pista dos criminosos até agora. Lá estão os restos mortais de mais de 115 mil judeus.

Berlim é uma cidade que atrai diferentes grupos neonazistas de toda a Europa e, durante os últimos anos, a zona antiga da capital alemã se tornou alvo de ataques frequentes.

Embora essas agremiações racistas sejam uma ameaça, o que mais preocupa a comunidade internacional é o crescimento da representação dos partidos políticos de extrema direita no continente. Em setembro, o Partido da União do Povo Alemão ficou com 5,3% dos votos em Brandemburgo, o Estado que cerca Berlim. Mesmo que pareça pouco, é uma vitória significativa para a extrema direita alemã, que, pela primeira vez desde a reunificação do país, terá representação na Assembléia desse Estado. A maior vitória dos direitistas nos últimos tempos, no entanto, aconteceu em outubro, na Áustria.

O Partido da Liberdade (FPÖ) conquistou 27,2% dos votos para o parlamento, ultrapassando o Partido Popular (ÖVP), que ficou com 26,2%. Pela primeira vez, a extrema direita austríaca derrubou a histórica hegemonia de social-democratas e conservadores, que se alternam no poder - ou governam em coalizão - desde a II Guerra Mundial (1939-1945). Bastou o FPÖ chegar ao segundo lugar na eleição para que organismos mundiais e as imprensas européia e israelense derramassem uma enxurrada de críticas sobre seu líder, Joerg Haider. Em Israel, um país

cuja identidade foi forjada na memória onipresente do Holocausto, o desempenho de Haider e suas idéias de caráter xenófobo fizeram ressurgir os fantasmas do passado e ameaçaram, inclusive, as relações diplomáticas com a Áustria.

O presidente israelense, Ezer Weizman, por exemplo considerou o crescimento da extrema direita na Áustria uma razão para que os cerca de 10 mil judeus que vivem no país se mudem para Israel. As críticas mais violentas, no entanto, ficaram por conta da imprensa.

O jornal israelense Yediot Aharonot publicou uma foto de Haider sob o título "O homem que enriqueceu graças aos bens roubados dos judeus".

Para a imprensa israelense, Haider é um aspirante a chanceler neonazista. A Itália o chama de xenófobo e antieuropeu. Enquanto os espanhóis o consideram um perigo neonazista, Portugal teme a ascensão de um admirador de Hitler

Um xenófobo convicto

Chegar ao cargo de chanceler (primeiro-ministro) da Áustria - esse é o objetivo do líder do Partido da Liberdade e o alvo de todas as críticas. Aos 49 anos, Joerg Haider é idolatrado pelos seus seguidores e demonizado pelos críticos.

Amante do alpinismo - esporte que pratica junto com a sua mulher, Cláudia, e as duas filhas -, conquistou a simpatia dos eleitores austríacos dos mais diversos grupos sociais ao se apresentar como "o porta-voz dos oprimidos".

Haider nasceu em 26 de janeiro de 1950 em Bad Goisern, uma pequena localidade do Estado da Alta Áustria. Filho de um sapateiro filiado ao Partido Nacional-Socialista (Nazista), de Adolf Hitler, Haider conquistou aos 16 anos um prêmio de retórica com um discurso pangermânico no qual argumentava que a Áustria pertenceria à Alemanha, publicado no jornal nacionalista alemão



Grupos racistas e neonazistas atuam principalmente nos países do norte da Europa

Deutsche Nationalzeitung.

Em 1986, assumiu a liderança do Partido da Liberdade. Na época, a sigla tinha somente 5% dos votos nas eleições legislativas. Treze anos depois, ele simplesmente quintuplicou a votação. Em 1992, o político acostumado a se vestir com estilo e a usar roupas de grife entrou para o parlamento. Nesse mesmo ano, durante um pronunciamento no legislativo, chamou os campos de concentração nazistas de "acampamentos de punição", gerando a indignação das organizações israelitas da Áustria. Ao afirmar que gostaria de homenagear as SS - o grupo de elite do exército nazista alemão, cujos soldados foram responsáveis pelo extermínio de 2,5 milhões de judeus, russos e ciganos durante a invasão de Hitler no leste da Europa -, foi criticado internacionalmente.

Nos últimos anos, Haider não esconde suas idéias xenófobas, mas tem sido mais cuidadoso em suas manifestações, desde que foi obrigado a deixar o governo da Caríntia, no sul do país, após elogiar a política trabalhista do Terceiro Reich. Em março deste ano, Haider se reelegera governador, voltando ao poder nesse Estado.

Desde outubro, ele é o líder da segunda maior força política no parlamento. Mas, se depender da opinião pública européia, tudo indica que ainda precisará trabalhar muito para reverter sua imagem de neonazista.

Instabilidade à vista

O avanço da extrema direita aponta para um período de instabilidade política na Áustria. Nenhum partido obteve maioria para governar sozinho, e os conservadores do ÖVP deixam claro que passariam à oposição caso caíssem para o terceiro lugar. Como Haider é execrado pelos outros partidos, haverá um longo período de negociações para a formação do gabinete. O chanceler Viktor Klima, do Partido Social-Democrata (SPÖ), enfrentará o maior desafio de sua carreira política ao preparar uma proposta sustentável de governo.

Conhecido no Exterior por suas declarações de conotação nazista, Joerg Haider seduziu mais de um quarto do eleitorado. A extrema direita apresentou um catálogo de ofertas para todos os públicos: operários, desempregados, extremistas, jovens empreendedores, aposentados e empresários desejosos de uma Áustria menos burocrática. A clara utilização da xenofobia e a propagação do medo da globalização fizeram do FPÖ a segunda força política na Áustria. O crescimento dos direitistas e de grupos neonazistas na Europa servirá, no mínimo, para que os chamados partidos tradicionais façam uma séria reflexão diante da incapacidade de responder aos temores de parte da sociedade, como o desemprego, um dos responsáveis pela origem de regimes extremistas.

Fabico é nota A no Provão do MEC

O curso de **Jornalismo da UFRGS** garantiu a nota máxima no Exame Nacional de Cursos promovido pelo MEC. A participação dos alunos desta vez foi total, o que garantiu o conceito e um dos mais elevados índices de aproveitamento no país. O curso havia ficado com D no ano passado, graças ao boicote promovido pelos alunos da Fabico. O desempenho deste ano supera o de outros cursos de jornalismo gaúchos, como os da Famescos/PUCRS, Ulbra e Unisinos. Vale lembrar que apenas quatro faculdades de jornalismo do país levaram o A do MEC. As outras foram: UFSM, UnB e UFSC.

Recentemente, uma comissão de professores enviada pelo MEC visitou a faculdade com a finalidade de avaliar outros quesitos, como currículo, equipamentos e professores. É... parece que a alegria vai durar pouco.



fotos Isabel Marchezan

A dupla Paulo Gleich e Graça Adam ensaiam um sorriso colgate sob o perfil de Emiliano Urbim e os olhares de Svendla Chaves.



Enquanto Gil Gosch tira uma onda, Eduardo da Camino e Celsó Jr. sacam suas espadas de "Jedi" no Jeckill.

RBS busca indenização na justiça

O grupo RBS está processando o Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul. Tudo por causa de uma edição do jornal *Versão dos Jornalistas*, onde foi publicado o já famoso e contundente texto escrito pelo cineasta **Jorge Furtado**, anteriormente veiculado no jornal eletrônico *Não* e amplamente divulgado pela internet. O artigo faz uma crítica à empresa jornalística, questionando a parcialidade da mesma em relação ao episódio da Ford e ao governo Olívio Dutra. Tudo isso motivou um pedido de indenização por danos morais equivalente a R\$244.800,00. Detalhe: Somente o sindicato está sendo processado, enquanto que o autor e seu jornal eletrônico não (sem querer fazer trocadilho...).

Pior a emenda que o soneto...

Essa foi presenciada pelo colega **Sebastião Ribeiro**. Durante o programa que a deputada estadual **Maria do Carmo (PPB)** apresenta na Rádio Guaíba AM, a parlamentar elogiou o empenho dos colegas da emissora: *"É por isso que nós da Rádio Gaúcha sempre promovemos esse tipo de debate..."*

*Pior que essa, só o choque que o jornalista **Lasier Martins** levou, ao vivo, na Festa da Uva de 98 em Caxias do Sul, durante a apresentação do Jornal do Almoço (cena que um sádico grupo de alunos da Fabico tem gravada e exhibe às gargalhadas a cada churrasco ou confraternização da turma).*

Festinha bala

Foi bacana a festa de final de ano da Fabico que aconteceu na Esef pouco antes do Natal. Contando com a presença das bandas **Tábula Rasa** e **Nossa Estupidez**, a função foi longe e só acabou com a chegada da polícia, que terminou com a festa por causa do barulho. Destaque para o final apoteótico do show da segunda banda, que executou a canção *Jesus Cristo*, de Roberto Carlos, cantada por todos que invadiram o palco. Ponto positivo para a nova chapa do Dacom, que promoveu o evento.

Divulgação



A banda Alma D'jem balançou o palco do Chalé Bar

Clubbers vão invadir sua praia

Corre à boca pequena que a onda das festas rave irá se espalhar pelo litoral gaúcho no verão do ano 2000. Quem responde pela empreitada é a multimídia **Cecilia Capovilla**, proprietária do Eio Perdido, que já está armando o circo para começar o ano novo em alto astral. Portanto, reserve espaço no bagageiro do veraneio para os óculos com lentes amarelas e a caixa de energéticos.

Reggae de primeira em Porto Alegre

Não sabem o que perderam aqueles que deixaram de ver o encontro de duas grandes bandas de reggae do centro do país numa dessas noites de dezembro em Porto Alegre. **Dread Lion (RJ)** e **Alma D'jem (DF)** fizeram um show memorável no palco do Chalé Bar, com direito a *Jam Session* e tudo mais no final da noite.

O destaque ficou para o refrão de uma das músicas da Dread Lion, entoada em coro pela galera: *"Oh chuva, / peço que caia devagar / só molhe esse povo de alegria / para nunca mais chorar"*. Na tarde do dia seguinte, os rapazes ainda tiveram fôlego para fazer um acústico na Casa de Praia da loja Trópico, na Av. Nilo Peçanha.

Desenho Animado gaúcho fecha o ano em alta, mas com perdas

Otto Guerra troca o provincianismo gaúcho pelo RJ e alguns animadores seguem trabalhando de graça

Marta Corrêa Machado

Num ano em que, pela primeira vez na história do Festival de Cinema de Gramado, dois curtas-metragens gaúchos em desenho animado disputavam o Kikito de melhor curta nacional, a produção ficcional em animação do Estado sofreu uma grande baixa. Otto Guerra, há 20 anos a frente da Otto Desenhos Animados e com sete curtas, um longa e mais de 400 comerciais no currículo, arrumou as malas e foi para o centro do país. "O mercado gaúcho é muito pequeno. Com o crescimento do número de profissionais, que deveria ser uma coisa boa pra todos nós, porque o Estado passa a ser visto como um centro de produção deste tipo de filme, os comerciais passaram a ser disputados a tapa e tem gente trabalhando quase de graça e sem muito prazer. Fazer desenho animado desse jeito não faz sentido." Guerra levou na bagagem a produtora Dedê Garcia, que coordenou a produção do mais recente longa-metragem da Casa de Cinema de Porto Alegre, *Tolerância*. Levou ainda um dos representantes da novíssima geração da animação gaúcha, Allan Sieber, criador do hilário *Deus é Pai*, que lhe rendeu dois Kikitos, além de prêmio em dinheiro do Canal Brasil no último Festival de Gramado. Seu filme arrebatou ainda rasgados elogios da imprensa do centro do país, especialmente por ser o primeiro filme baseado nos preceitos do Dogma \$1,99, o único dogma que um animador gaúcho tem condições de bancar.

Além de *Deus é Pai*, os pampás também desovaram em 1999, *Cidade Fantasma*, curta-metragem de estréia

do animador Lisandro Santos. Ele trabalhou na Lancast Motta Desenhos, atualmente uma das mais ativas produtoras de comerciais do RS, coordenada pelo veterano Lancast Motta. Segundo Motta, o mercado publicitário de animação se pulverizou com o crescente número de produtoras e de profissionais trabalhando por conta própria. Com isso, os preços dos filmes despencaram e o jeito é buscar alternativas a esse cenário desgastado. Entre as perspectivas vislumbradas por Lancast, está a Internet. "Estamos desenvolvendo um grande projeto pensando nessa nova mídia como possibilidade de canal de difusão de animação", adianta. Motta explica que nos Estados Unidos a viabilidade do meio já é uma realidade. "A velocidade dos provedores via cabo lá é muito alta e se consegue baixar um



Deus é Pai, curta de estréia de Allan assiste na TV." Lancast Motta transformou recentemente uma parte de seu

mil. "Vamos diminuir a equipe, que é o custo mais alto do projeto. Acho que nem cachê pra mim, que sou o diretor e o roteirista, vai ter, vou ter que trabalhar de graça, só pra variar", ironiza John.

"Trabalhar de graça" é algo bastante comum nos projetos gaúchos de desenho animado não comercial. No recente *Deus é Pai*, por exemplo, Otto Guerra desembarcou em São Paulo para a finalização do curta de três minutos com apenas R\$100,00 no bolso. Com muita sorte e bons contatos, conseguiu o apoio da *Traitoria di Frame*, uma das maiores produtoras paulistas de comerciais em animação, que cedeu alguns equipamentos de graça para a finalização. Guerra trabalha atualmente para finalizar seu nono filme, o curta-metragem *A História do Cavaleiro Jorge (Antes de Virar Santo)*, em produção desde 1994 e que, apesar do aval da Lei de Incentivo à Cultura do RS, segue sendo produzido sem recursos. "Temos uma das melhores captadoras do Estado tentando conseguir patrocínio, para o projeto há quase um ano e até agora nada. O que demonstra que essas leis não têm funcionado", comenta Otto Guerra.

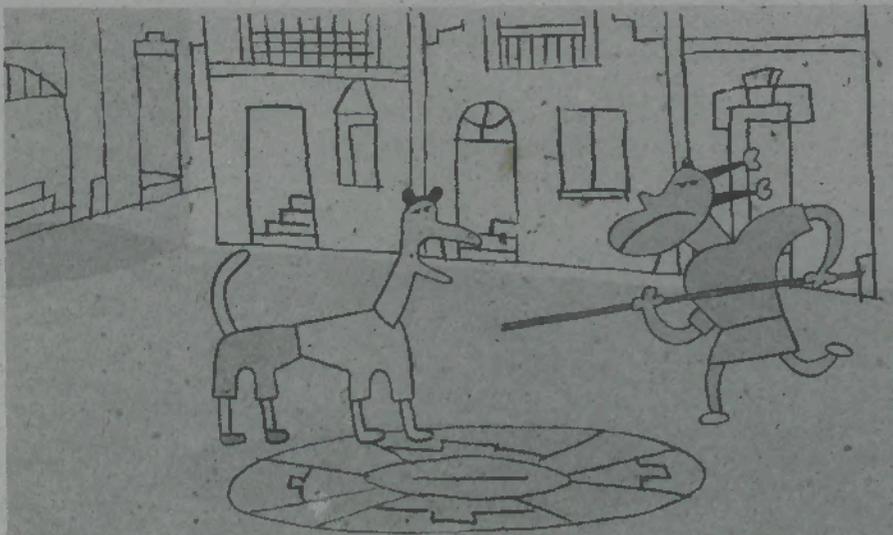
Com a saída da Otto Desenhos Animados do cenário gaúcho, uma geração de promissores talentos fica órfã e terá que dar seus próximos passos sozinha. Ao que parece, apesar de esforços isolados, a transformação do Rio Grande do Sul num pólo de produção de desenho animado ainda está longe de abandonar seu caráter ficcional.



O Limpador de Chaminés, de Rodrigo John, com previsão para o ano 2000

projeto *Anabel*, a princípio uma série para a TV com 13 episódios de 13 minutos, para vinhetas de um minuto, que serão veiculadas num canal da internet nos Estados Unidos.

Enquanto isso, os curtas de ficção em desenho animado em processo de produção no Estado seguem a passos lentos. A dificuldade financeira continua sendo a grande vilã das histórias. Mesmo com as leis de incentivo Federal e Estadual, a principal fonte de recursos para a produção de filmes desse tipo por aqui continua sendo os concursos públicos. Rodrigo John, recentemente contemplado, ao lado de outros quatro cineastas, com o prêmio de R\$ 25mil para incentivo à produção de cinema do Governo do Estado, terá que enxugar os custos do seu projeto *O Limpador de Chaminés*, orçado em R\$ 50



A História do Cavaleiro Jorge (Antes de Virar Santo), oitavo curta de Otto Guerra, em produção desde 1994

A Bienal muito além de Picasso

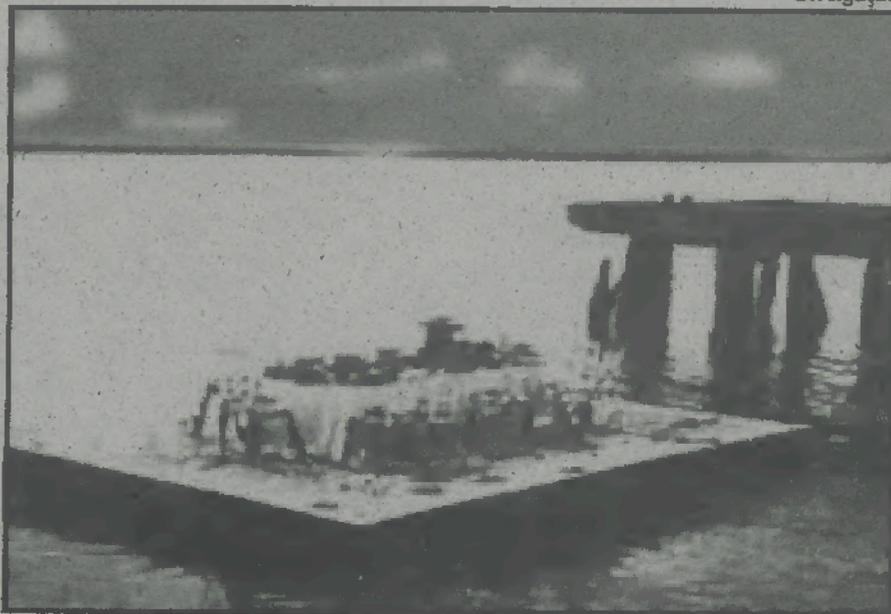
A arte conceitual ganha seu espaço nas instalações do DEPRC

Alessandra Gonzaga
Chico Amorim

Para os gregos, a palavra arte era *techné*, que significa ordenar, fazer uma ordem. A raiz latina da palavra é *ars*, que está na raiz do verbo articular, e denota a ação de fazer juntas entre a parte e o todo. A linguística apurou que o termo alemão para arte, *kunst*, partilha com o inglês *know*, com o latim *cognosco* e com o grego *gignosco*, palavras que significam – eu conheço. Desta etimologia, pode-se tirar a idéia de que, em muitas culturas, a arte transforma a matéria oferecida pela natureza e pelo contexto histórico, e transfere para ela uma versão única de concepção do real. Compreender a arte é, em primeira análise, buscar o conhecimento da sua própria identidade, enquanto sociedade historicamente representada por ela.

A II Bienal do Mercosul abre possibilidades ilimitadas destas descobertas. Com promoção da Fundação Bienal de Artes do Mercosul, as instalações e obras refletem interpretações de épocas diversas, com variadas formas de envolvimento dos mais de 100 artistas. Seja através do cheiro, do som, do choque visual, do reconhecimento de técnicas consagradas, da apresentação de tecnologias inusitadas ou de apelos subliminares e até críticos para com a sociedade – a arte está ali manifesta em sua plenitude. A mostra de arte contemporânea apresenta obras do Mercosul ampliado: Argentina, Brasil, Paraguai, Bolívia e Chile, tendo a Colômbia como país convidado.

A força do traço cubista, com a presença da profundidade e a riqueza de ângulos se faz presente em obras de Picasso e de outros artistas inspirados nessa



Divulgação

No DEPRC, as instalações causam diferentes reações no público visitante.

fase, que estão expostas no Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARG, que mostra também obras de Iberê Camargo. O interessante da Bienal é que a riqueza de técnica e unidade das obras do MARG podem absorver o interesse dos espectadores tanto quanto o ambiente de interatividade e tecnologia do Gasômetro ou das manifestações caóticas e desregradas do DEPRC, nas instalações de arte conceitual.

O envolvimento dos sentidos

As instalações do Departamento de Portos, Rios e Canais - DEPRC, ao lado da Usina do Gasômetro, têm gerado alguns comentários acalorados e indignados, ao estilo "isso não é arte", "isso me dá nojo" ou ainda "não entendi". "Às vezes é difícil, porque choca, mas é preciso desprendimento para apreciar a arte", comenta o monitor André Weibert. André é responsável por acompanhar os visitantes das instalações do prédio B do

DEPRC, e confessa já ter presenciado reações das mais variadas. "Aqui a gente tenta explicar o inexplicável", define ele.

É consenso entre críticos e estudiosos do assunto que a arte possa ser espelho das tendências e aspirações humanas de seu tempo. Mais do que isso, é ela que manifesta as primeiras rupturas com este *status quo*. Com essa pequena amostra de instalações, escolhida ao acaso, fica a idéia de que a arte vanguardista do DEPRC carrega símbolos e ícones do dia-a-dia, por mais estranha que seja essa representação. Entendendo a contradição da arte pertencer ao seu momento histórico e ao mesmo tempo não se prender a ele, o personagem Frédéric, do escritor francês Gustave Flaubert, diria: "render-se à arte é ser capaz de colocar-se um passo acima da humanidade e de não ter com ela nada em comum, deixando apenas uma relação de olhar". Por tudo isso arte, definitivamente, não se explica.

Arte conceitual – Importa a concepção que o artista tem da arte e não a materialização de sua idéia. O norte-americano Sol Lewitt, que usou a expressão pela primeira vez em 1967 define: "Esse gênero de arte não é teórico, ou ilustrativo de teorias. É intuitivo e, em geral, independente das faculdades artesanais do artista. Tem como objetivo tornar a obra mentalmente interessante para o espectador, eis porque o artista deseja que ela seja emocionalmente seca". Para executá-la, utiliza-se qualquer tipo de suporte, como telefone, catálogo, galeria, o próprio corpo ou a memória. Os brasileiros Tunda, Cildo Meireles, Regina Silveira, Walmécio Caldas e Julio Plaza têm obras conceituais.

Bienal – Exposição de arte contemporânea, que se realiza a cada dois anos. As obras são enviadas na maioria dos casos pelos países representados, o que em geral determina a distribuição das obras por nacionalidade e não por analogia de linguagem. As maiores bienais são atualmente a de Veneza (realizada pela primeira vez em 1895) e a de São Paulo (fundada em 1950).

Cubismo – Movimento pictórico iniciado na primeira década deste século por Pablo Picasso e George Braque, inspirados por Cézanne. O Cubismo privilegia a percepção tridimensional e angular, buscando transpor para a representação bidimensional a profundidade dos objetos, não através de um único ponto de vista, mas sim de diversos pontos de vista simultâneos.

Instalação – Na arte contemporânea, substitui a noção de obra e designa o conjunto de objetos e intervenções concebidas em estreita relação com o espaço expositivo ou com o ambiente. Manifestação artística que procura desenvolver uma idéia ou conceito através da utilização de diversos suportes e linguagens diferentes: objetos, animais e pessoas, compondo um todo ou um ambiente. Para tanto, vale-se muitas vezes de recursos cênicos. Na maioria das vezes, a instalação permite que o espectador passe por entre a obra, sentindo-se ou fazendo-se parte dela.

Essa é a descrição sucinta de algumas instalações dos prédios do Deprec, em que fica evidente o apelo aos sentidos elementares e em que é possível descobrir uma fina crítica à sociedade e aos costumes, por vezes:

Nadin Ospina – El Bosque de los ídolos Colômbia, 99
Dois totens, um ao lado do outro. Este elemento conhecido do folclore colombiano, traz figuras pouco usuais: no primeiro, a imagem esculpida de Mickey e Minnie, personagens da Disney. No outro, a escultura se assemelha mais a um totem tradicional, mas desfilava é Bart Simpson.

Shirley Paes Leme – Lúmen vaga Lúmen - Brasil, 99
Um corredor bastante escuro, com algumas luzes dispersas, que imitam vagalumes, é envolvido pelo som de aparelhos celulares.

Caterina Purdy - Trofeos de Caza - Chile, 99
As fotos da executiva de sucesso ou da mulher moderna caberiam em muitas campanhas publicitárias, se as moças não estivesse carregando uma abismal mochila de animal, com alça dourada. Os animais-mochila estão também expostos.

Guilherme Quinteiro – Plexo – Colômbia, 99
Um bloco compactado de tabaco, medindo 4 metros de altura, 12 metros de largura e 1 metro de profundidade desafia os micro-organismos e fungos do DEPRC. O cheiro forte pode ser sentido até mesmo em outros prédios.

Luiz Zerbini – Fotos e Escultura - Brasil, 99
Utilizando resina e pó de marfim, o autor cria o espelho tridimensional de si mesmo, em duas esculturas também exploradas em fotografias.

A II Bienal do Mercosul continua com exposições até o dia 9 de janeiro do ano que vem, aberta de terça a domingo, das 10h às 22h. Os ingressos custam R\$ 3,00 para a entrada principal do DEPRC e MARG. Na Usina do Gazômetro, a entrada é franca.